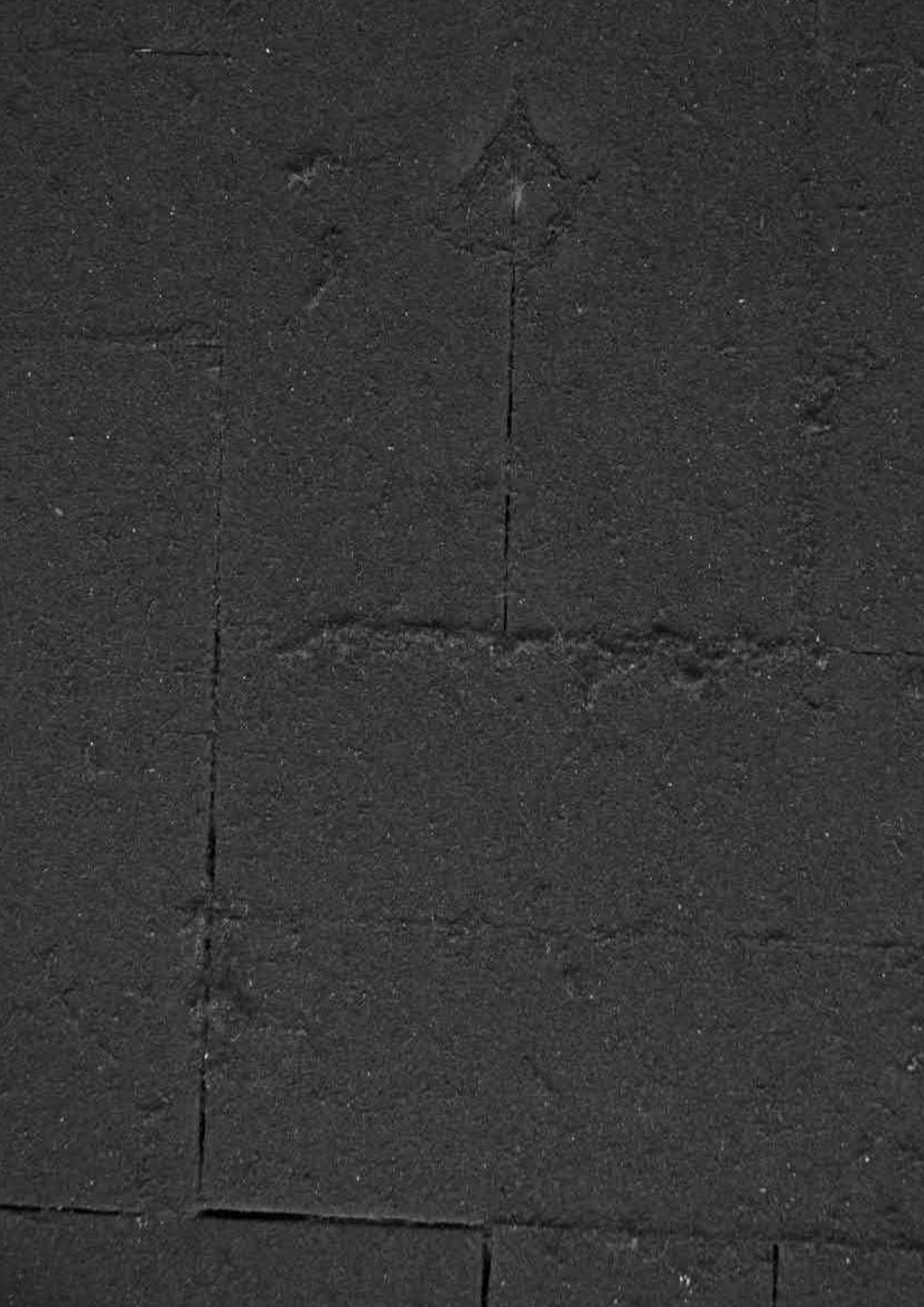


O COLAPSO COMO PERSPECTIVA

DENISE ADAMS

LIVRO I







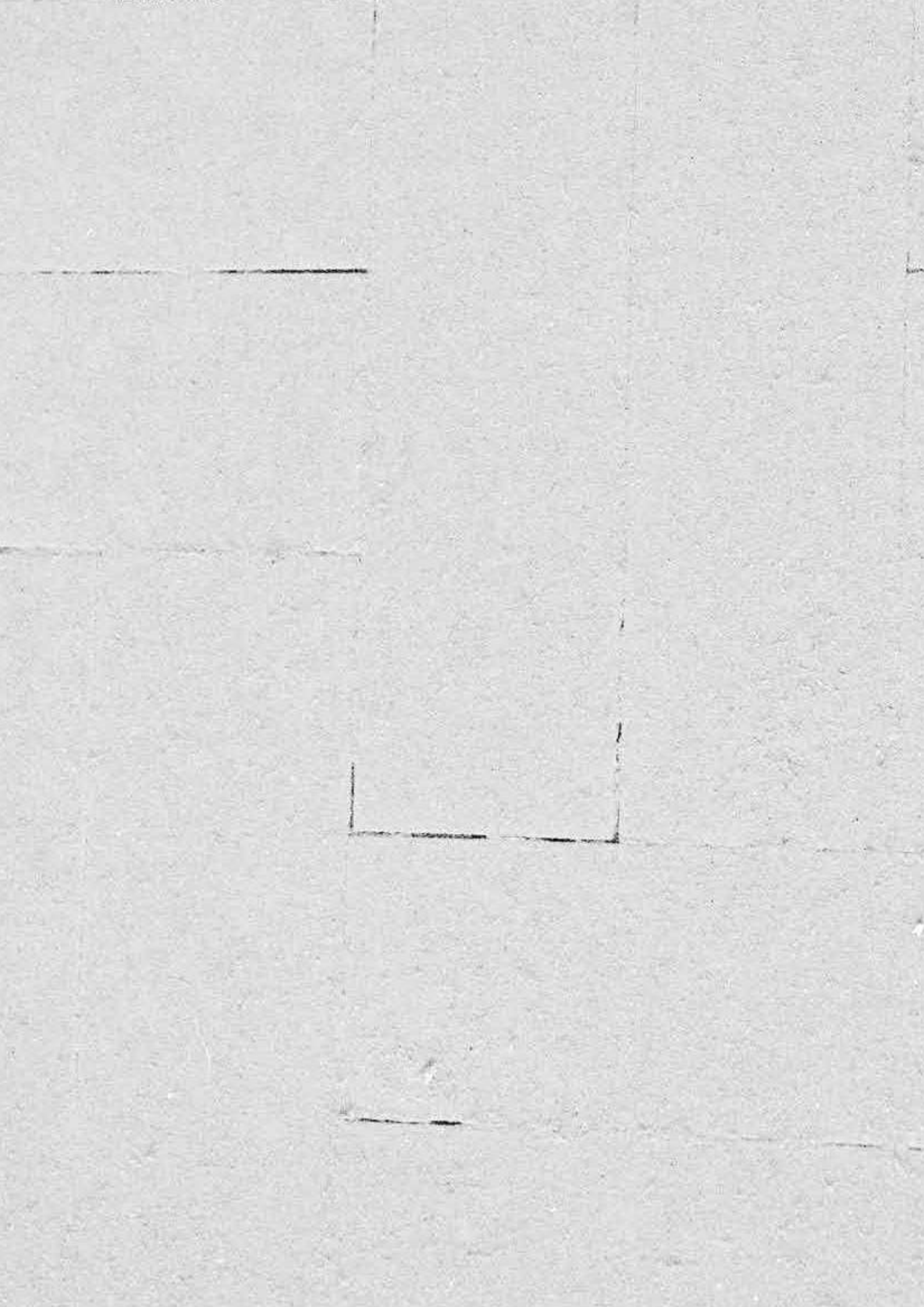


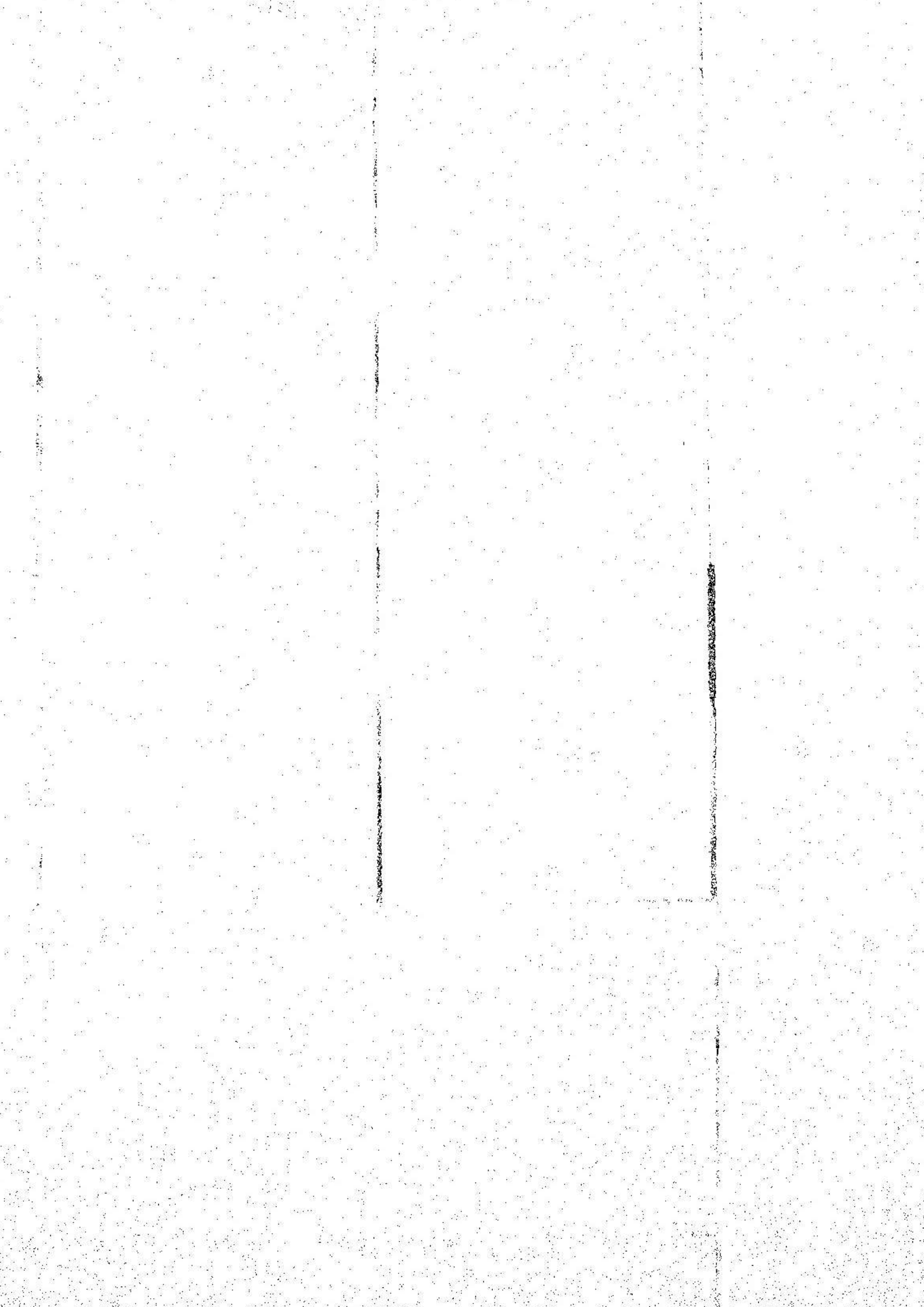




















Como permanecer diante do colapso?

Como sustentar a descrença, a desconstrução ataca nos meandros profundos de qualquer instituição dos valores humanos, aparece para nos colocar de mundo. Podemos encarar a crise nos movimentos estado o mais rápido possível ou então tomamos

Há pouco havia um copo inteiro, agora há esses pedaços. Entre os dois há o irreparável. Irreparável, insuprimível, inescamoteável mesmo pelos mais sutis recursos do espírito, que pode dele se desviar mas não contradizê-lo. Patuidade desse irredutível. Tal é a existência dos seres. A eficácia aqui não é que o copo tenha se quebrado, é que ele muda de estatuto. Não é mais um copo, porém lascas cortantes. Conforme o perspectivismo de Souriau, o acontecimento consiste numa reviravolta de ponto de vista: algo aconteceu que já não se pode considerar um copo como um copo... É isto entrar no ponto de vista de uma existência, não para ver por onde ela vê, mas para fazê-la existir mais, para fazê-la existir “verdadeiramente”.

David Lapoujade [1]

Os escritos que ocupam esse espaço vão em direção aos lugares atravessados pelo desfazimento. Lugares impactados por traumas, revelando a contínua mudança de estatuto que afeta qualquer evento. Quero olhar para o que se coloca disponível para ser transformado.

Pretendo me aproximar do que acontece nos intervalos entre uma existência e outra.



seria manifesta
a duração
de uma
transformação?







Elejo a poeira para falar desse desfazimento. Se ela está ali é porque algo foi suplantado, adiado. Sua presença em acúmulo superexpõe a superfície, tornando a circunstância ainda mais evidente e sem nenhum disfarce. Se o estado poeira iguala as identidades, tirando o brilho de qualquer aparência luminosa, como se atrever a olhar para o que está esquecido, escamoteado? Com que razão ou sentido haveria de se investigar um caso perdido, irrecuperável e banido de qualquer projeto considerado coerente e contínuo? Enquanto símbolo de esquecimento, a coisa empoeirada suplica por uma ação de emergência. Torna-se agora pura existência.

A vida é toda um processo de demolição. Existem golpes que vêm de dentro, que só se sentem quando é demasiado tarde para fazer seja o que for, e é quando nos apercebemos definitivamente de que em certa medida nunca mais seremos os mesmos.

F. Scott Fitzgerald [2]

Resta a pergunta: o que permanece?



Requer disposição para olhar a poeira. Cora recônditos, se aproximar de suas entranhas, e do estranhamento. Ser paciente para que exigindo a presença do sujeito. Se o "mais poeira" Valéry [3], é na superfície de tudo que preten

Se a poeira está e reivindica decisões, é preciso que nos afastemos para melhor observar. Afastar-se em silêncio para cuidadosamente olhar. É aí, nesse lugar de mudança de perspectiva, nessa brecha onde tudo parece suspenso e ocupado por vacúolos silenciosos, que quero me deter. Para isso, também preciso silenciar.

Não se trata aqui do silêncio como vibração sonora.

Se o silêncio não é acústico, mas uma mudança da mente como dizia John Cage [4], desejar ir ao seu encontro pode ser um ato subversivo, causar revoluções. Encarar o silêncio como ação transformadora é talvez, entender que o ponto inicial seja através do gesto mínimo, no constante movimento de um outro entendimento de mundo, outras percepções. É ir de encontro ao risco, ao incógnito, puro desconhecido, lentamente.

Estar no lugar do silêncio (de duração incerta) é paradoxalmente encontrar e não encontrar algum sentido. Ora presente e claro, ora longínquo e sombrio, não há como ter pressa, não há como querer achar algo. Há que se despir de tudo e muito aos poucos reconhecer o caráter ilusório de tudo que se apresenta diante de si, tudo que se constrói para si.

Toda existência já é em si ruína. Uma vez que o acontecimento surja, já se encontra em processo de deterioração de seu estado, sempre em transformação, nada está livre de tal processo. Partindo dessa constatação torna-se possível ultrapassar fronteiras e perceber que o que está ali, a nada está ligado, somente a ele mesmo, em sua natureza vazia e luminosa.



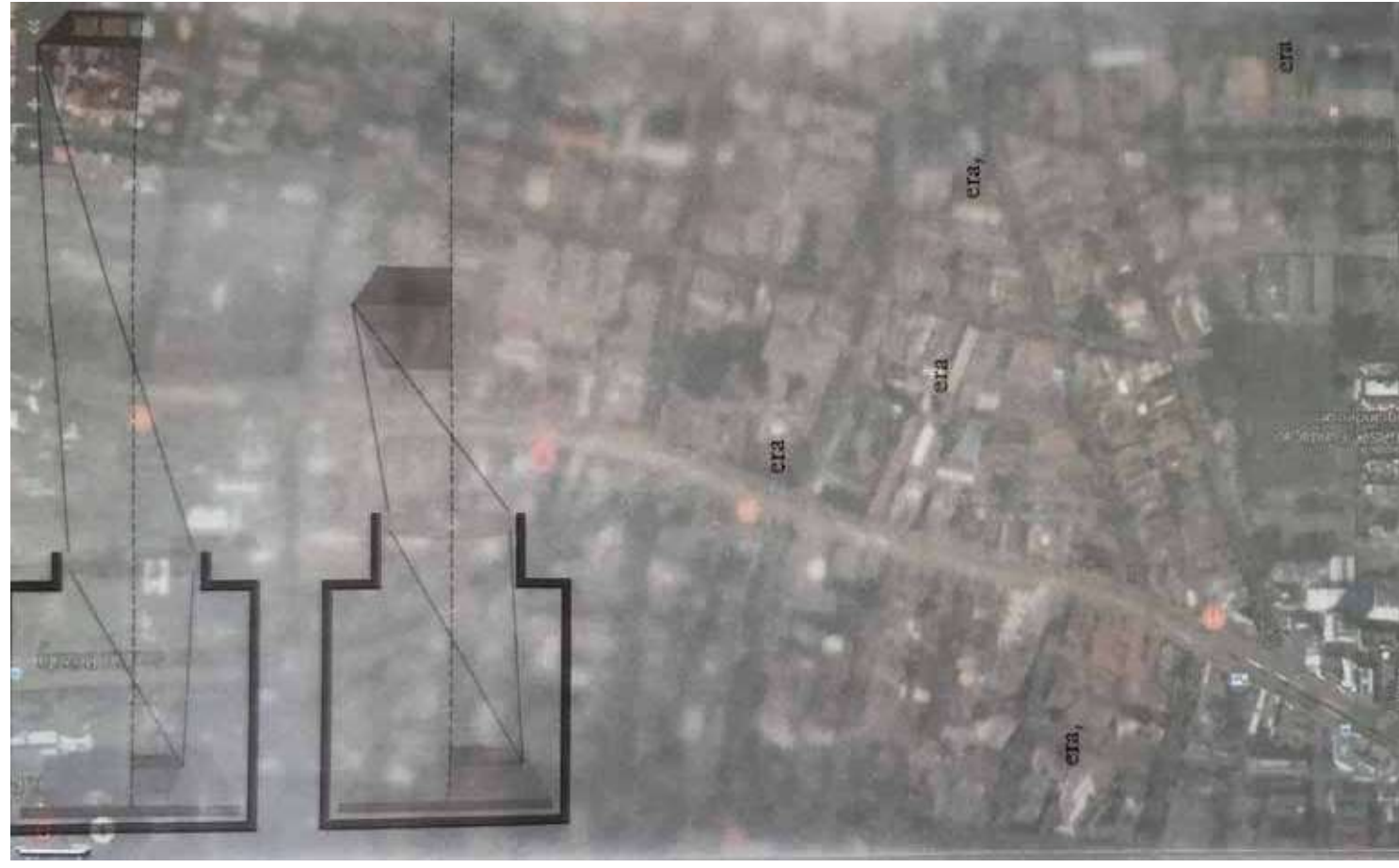
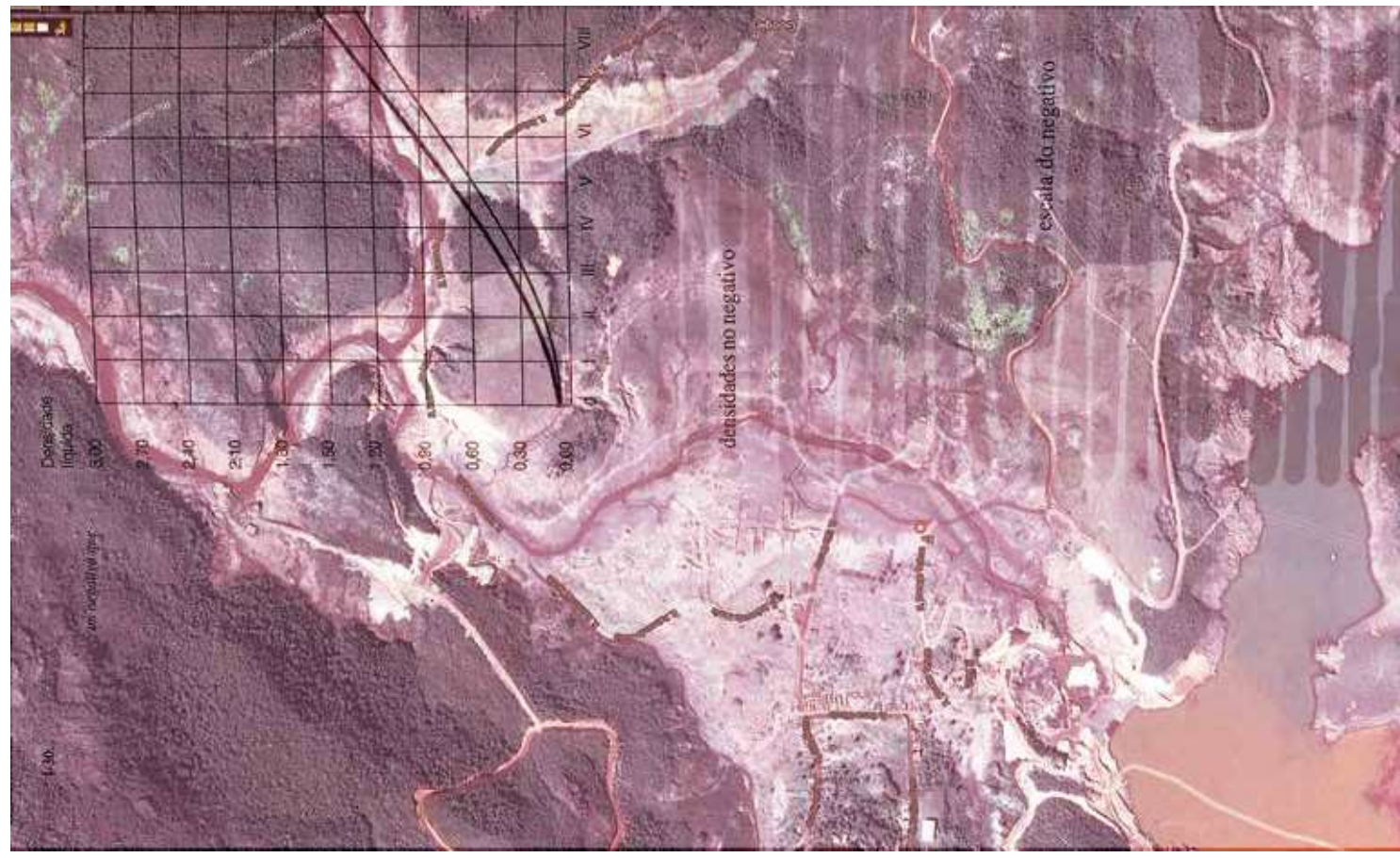


CÓPIA IDEAL (

preciso da c

cópia "boa"

có



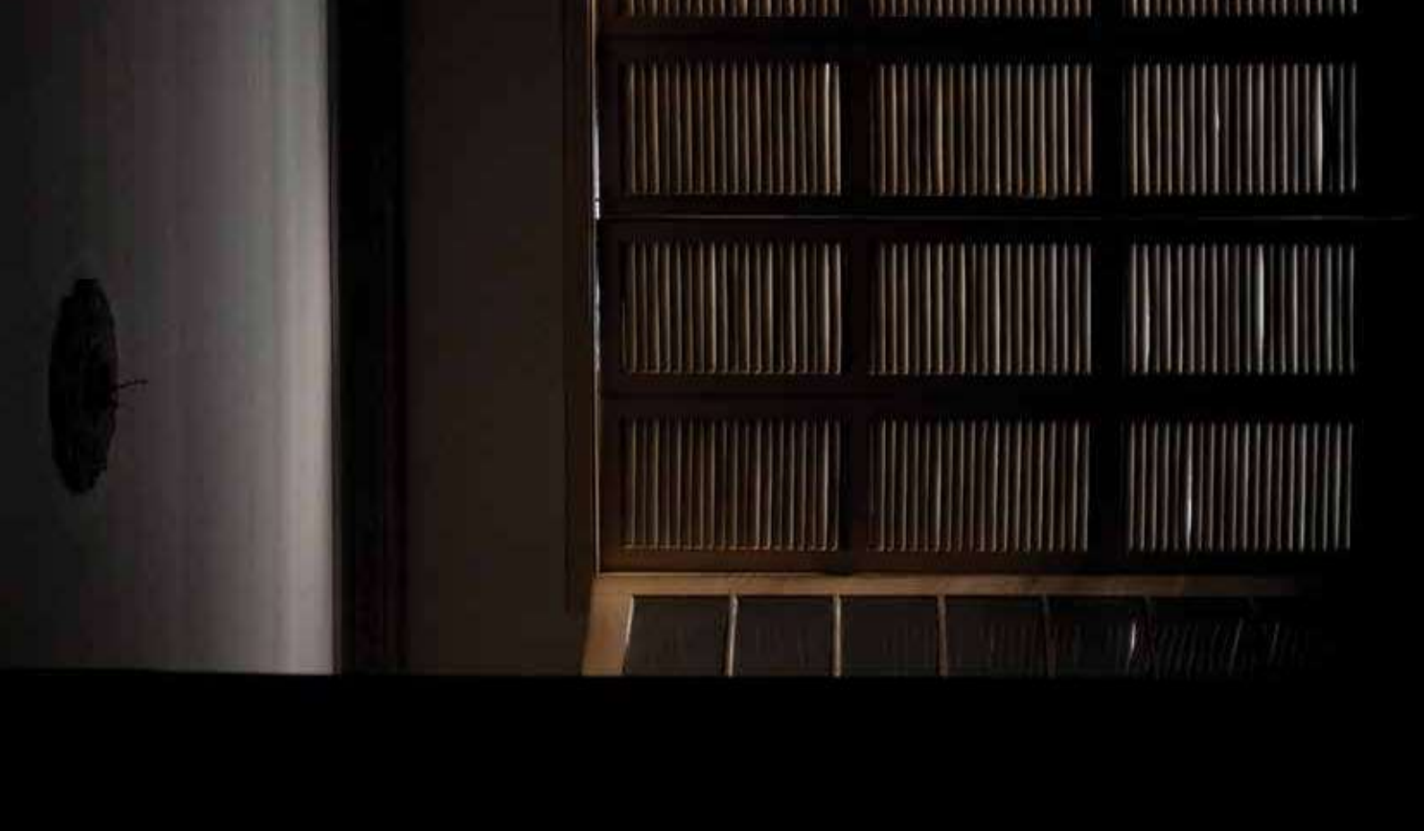
O silêncio é o que nos permite ouvir outra voz, uma voz que fala outra língua, uma voz que vem de outro lugar... Essa língua desconhecida de uma voz desconhecida, essa *vox ignota*, se esconde atrás do silêncio como o silêncio se esconde atrás dos ruídos superficiais do cotidiano.

Vladimir Jankélévitch [5]

Vejo meu encontro com a poeira como um encontro em direção ao silêncio. O que estaria porvir a partir daquela primeira observação da poeira/silêncio dentro de um apartamento? Haveria ali uma antecipação de futuros?

O que poderia conter nas minúsculas partículas que dissesse sobre a experiência de mundo? O que se apresentava violentamente sobre minha própria história pessoal, submerso num cenário específico do momento político social do país (e do mundo) e que vinha intensamente acompanhado de um algum desejo? Como me colocar diante dessa tríade? Enquanto artista, existiria algo a ser mostrado ao mundo? Qual seria a forma?

Se as poeiras íntimas de um apartamento desocupado me jogaram apressadamente para despenhadeiros de autorreconhecimento, as lamas das cidades soterradas escancararam os processos falidos e seus sistemas perversos, seria então o encontro com o deserto o lugar de algum sentido? Da pergunta mais profunda sobre o próprio existir?





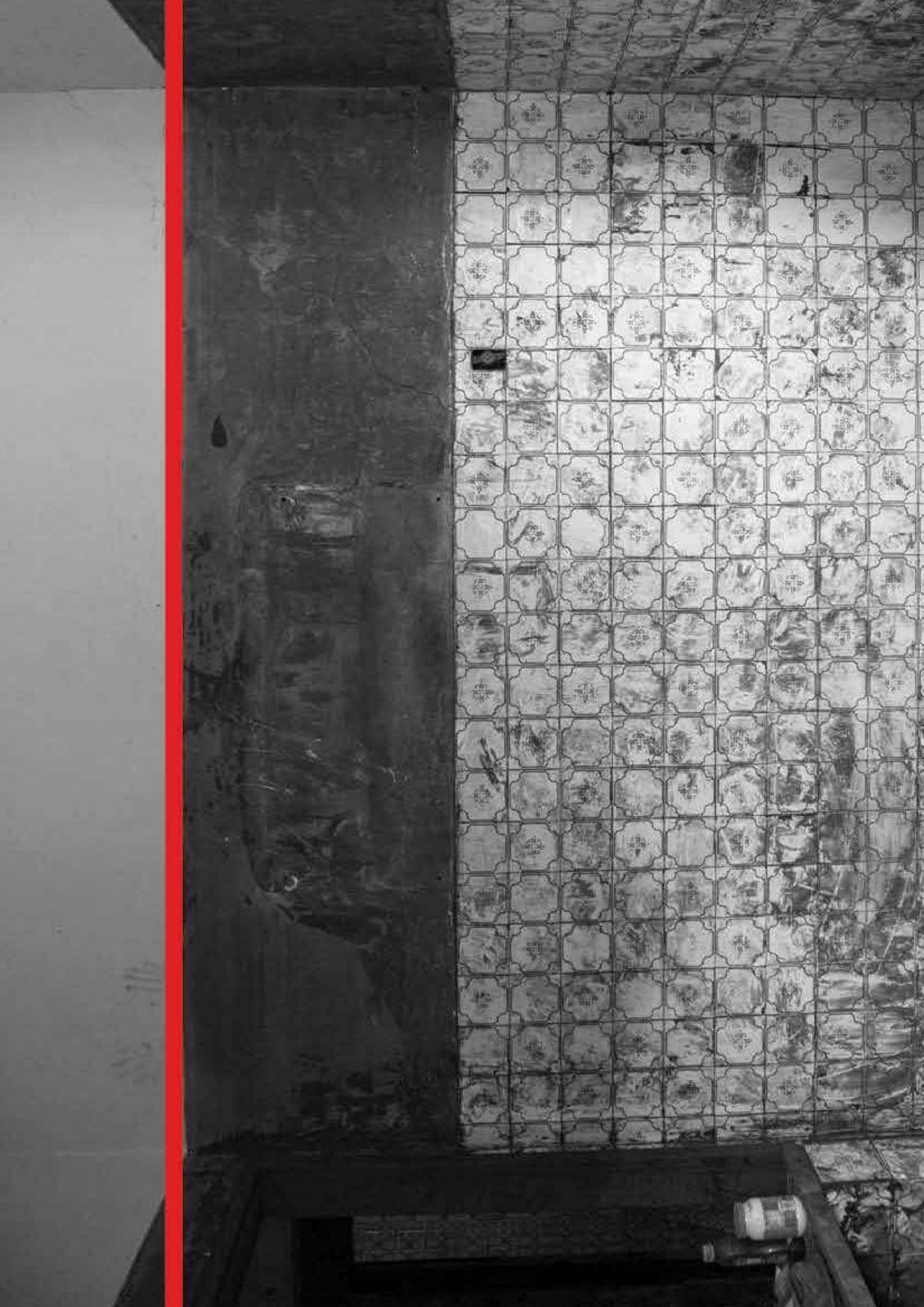




Resta seguir as linhas que se cruzam, acompanhar o movimento de tessitura da formação das redes, puxar os fios desalinhadados, tentar desfazer os nós. Seguir as faíscas dos encontros, dos encontros como acontecimentos. Estar atenta ao instante do encontro, como se não houvesse esforço, somente disposição de um e de outro para que aconteça. Quando um encontro se dá, acontece também um encontro com muito









A POEIRA como REDE. É nela que [im] permaneceço.

A ponta de um fio encontra a outra ponta (a coisa encontrada). Trata-se de uma ação certa, sem volta. Assim se dá o traçado das linhas, de um fio ao outro, de uma conexão a outra. Há sempre um espaço propício, uma arquitetura adequada, um tempo sem medida. Nada nunca está só. É sempre um em relação a(o) outro que produz algo. Nessa medida não há autoria, é sempre obra de alguns.

A rede não é um fazer; é desprovida de rede a farrapos no momento em que a ...O único suporte que possibilita a re

Três espaços. Lugares escolhidos depois de vividos, depois de terem sido traçados, tecidos. Em todas as experiências, não houve sequer um projeto pensado. Foram caminhos percorridos que conforme se realizavam, também alinhavam fios, assim como a aranha que tece; sem modelos, estando cuidadosamente à espreita. Há, no entanto algo que delimita, que territorializa. A circunferência é cercada de cartografia de afetos. Isso não é claro, as escolhas nunca são claras, mas dizem algo sobre alguma coisa.

O apartamento empoeirado, as cidades soterradas e o deserto cheio-vazio alinhavam os lugares vividos, de desfazimentos, desconstruções e aniquilações. São as três naturezas do pó das quais me aproximo e que se presentificam como simbólicas das formas em curso, acumulando camadas espessas que são disparadoras de uma observação do mundo.

Se a poeira do apartamento contém a desmemória íntima, a matéria depositada ali dizia mais sobre ausência do que qualquer tempo vivido. Por sua vez o encontro com Mariana traz consigo toda a lama de um colapso da esfera pública, social e ambiental. O privado e o público em analogias, nas ruínas de um instante contemporâneo. A tentativa de sair do vazio é experienciada na ida ao deserto de Atacama. É aqui que o apartamento (não) vazio tomado pelo pó, as casas e cidades (não) vazias tomadas pela lama encontram com o (não) vazio do deserto. O tríptico circunscribe as três temporalidades e naturezas da poeira.

De que maneira se colocar diante de tais acontecimentos? O que ativa as três distintas circunstâncias espaço/temporais e as coloca em conexão?





Olhar para os três territórios como antimundos atravessando transbordos com a produção a antimétodo como opção indissociável do p existencial. Para que serve o método a um arti trata de um instrumento para operar diante de e sim assumir o traçar de um caminho que durante o percurso. Sempre um caminho de ris O que pensar a respeito da subversão de um m método ou um antimétodo que indaga sobre a que inclui o experimental durante o seu proce dentro da academia, pois o que interessa aqui

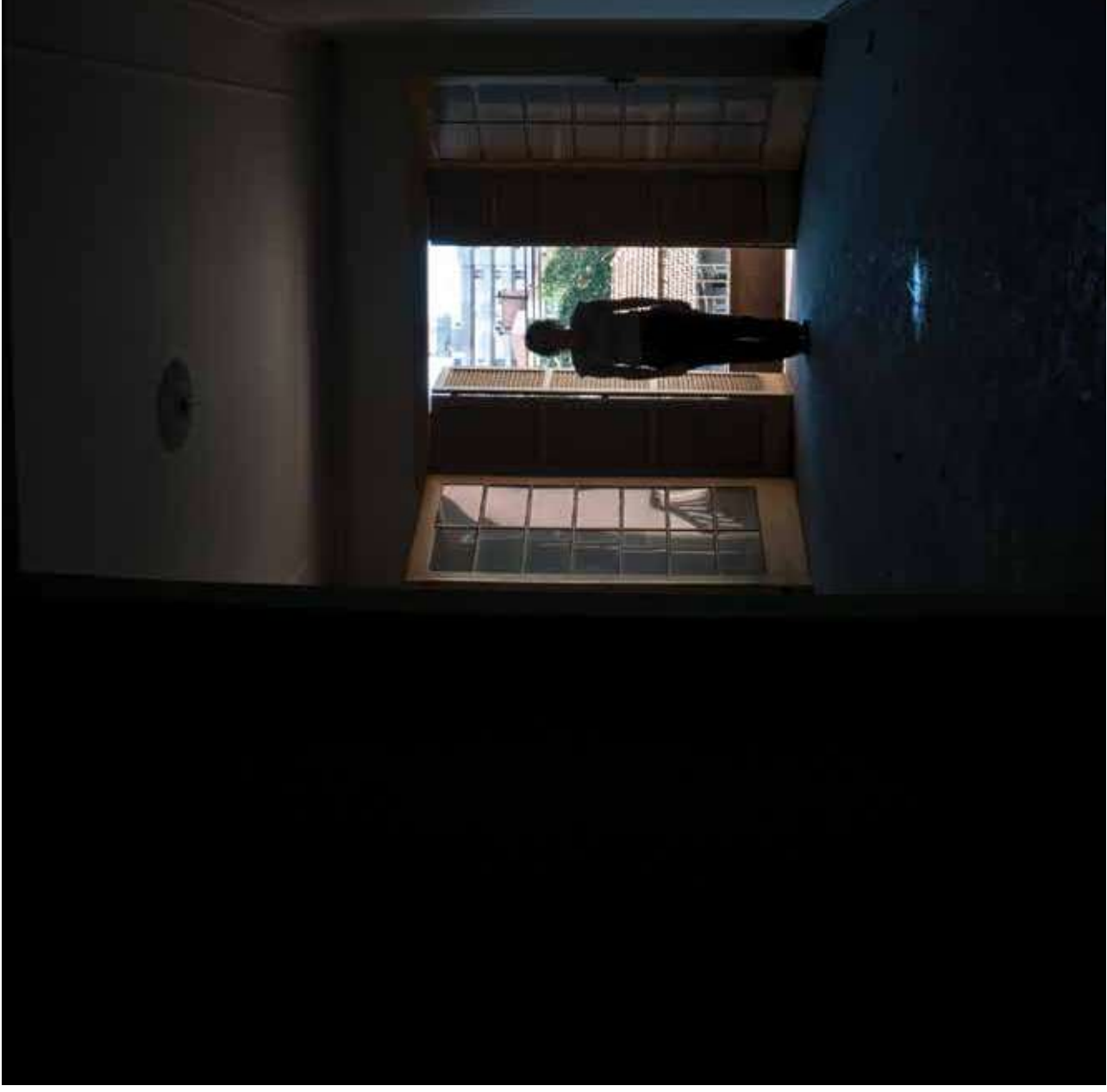
Qual o papel do artista e o sentido da sua p brechas, onde os procedimentos possam dar lu e percepções e percorram um caminho de intervenção nos possibilita um outro possiv desfazimento no contemporâneo, que trace u estando ele dentro do mundo?

Afinal, o que é a produção do artista?

Próximada aranha que tece a teia num gesto de projeto, percorri caminhos inesperados e mui e reconfigurações de planos vieram na maic simultaneamente com os acontecimentos no r estética para uma indagação sobre a experiê através da poeira uma ambiguidade fenomen diferentes tons e presença de luz, lugares de As diferentes semânticas dos lugares e cont reaparecem ou se atraem nas três situações v

Se o colapso se configura como outra perspe ativamente a coisa empoeirada e conclama

Antecipando futuros.



REFERÊNCIAS + GLOSS

- [1] LAPOUJADE, David AUGÉ, Marc. *Não lugar supermodernidade*. Campinas: Ed. Papirus, 20
- [2] FITZGERALD, F. Scott. *A Fenda Aberta*, Te
- [3] VALÉRY, Paul. *L' idée Fixe*, Paris: Gallimard
- [4] CAGE. John. *Lecture on Nothing*. In *Silenc*
- [5] JANKÉLÉVITCH, Vladimir. *Le Silence et L'i*
- [6] DELIGNY, Fernand. *O Aracniano e outros t*



AS TRÊS NATUREZAS DA POEIRA

DENISE ADAMS

LIVRO II



POEIRA.

0 apartamento en



as cidades de Mariana



e o De





Enquanto escrevo, estabeleço simultaneamente entendimento, a experiência de cada um dos lugares e gesto de escrita. Se pelas circunstâncias, fude dentro do apartamento, nas cidades e no de nada invariavelmente nas três situações me leva encontrar quem poderia estar junto nessa realidade para que algo novo pudesse surgir?





Foi a partir das três viagens que delimittei um recorte, me aproximando da visão cíclica do funcionamento básico da natureza: em toda existência há nascimento, vida e morte. Existe uma duração de todos os fenômenos; em tudo habita a impermanência. Lentamente, por mais consciente que estivesse sobre essa constatação, o mergulho nas experiências fez ressoar em mim uma sucessão de acontecimentos, tornando o



Não lugares. Espaços zero.
Pós lugares.

O etnólogo e antropólogo francês Marc Augé
identitário, relacional e histórico produzido pelas
as estações, os supermercados, as redes de
mundo onde se nasce numa clínica e se morre
modalidades luxuosas ou desumanas, os pontos
um mundo assim prometido à individualidade
efêmero, propõe ao antropólogo, como aos
inéditas convém calcular antes de se perguntar
não lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro
e o segundo nunca se realiza totalmente.” [1]

Augé se refere à análise de um lugar antropológico
percursos que se efetuam, de discursos que se
uma linguagem específica, deixando clara a distinção
e Merleau-Ponty observam a respeito dos lugares
praticados e existenciais, que partilham de um

Se os lugares são o avesso dos não lugares, o que são
traumas? Em que eles repentinamente se tornam
cotidianos implodidos?







Partindo dessas articulações teóricas e me ap
para ir ao encontro (também) do poético, poss
por mim como sendo pós lugares. Territórios
reinícios e reinvenções, espaços zero (na cult
conhecidas a respeito do zero, ele é descrito c
Se anteriormente tratavam-se de território
acontecia dentro de um dado funcionamento
classe média, pessoas habitando suas peque
vasta paisagem), agora tornam-se lugares "est
de estatuto e são ocupados da pura matéria
partículas.



Esses lugares vazios (não os sendo), com suas cores e tons, ora cinzentos, terrosos ou esbranquiçados, penetram nas superfícies dos tantos acontecimentos, fazendo submergir aparências nunca antes notadas. Se tais territórios se apresentaram diante de mim, foi para que eu finalmente pudesse praticar uma visão encarnada sobre o estado das coisas.





Interessada nesses inventários de encontros conceituais para me acompanhar no percurso, o elemento poeira em seus três diferentes territórios e distintas condições, me levou à ideia de DESFAZIMENTO. Entender a poeira como um elemento de desuso, que se expõe em ruínas e em certa medida se apresenta como um achatamento do mundo, na medida que o unifica numa mesma "língua", pretendo traçar um caminho

Minha tentativa aqui é me aproximar da ideia de territórios a partir da ideia de algo que os encobre e denúncia. Como a poeira do apartamento território existencial da artista narradora de si mesma, uma intuição que emerge como arqueologia

O que há para ser desvelado da pesquisadora viajante para a artista, dos outros mundos encobertos? Que visão ampliada e lúcida é possível obter, olhando com todo o corpo para essas três distintas circunstâncias? Para isso, há de se destrinchar um por um, numa observação atenta e principalmente responder a pergunta: qual é a profundidade de mim mesma que a própria experiência com os três lugares me deu? Que linha de afeto (ou de fugas) percorri para divagar sobre eles, como arqueologias do contemporâneo?



Os contadores não imaginaram que a Bela Adormecida despertaria coberta por uma espessa camada de poeira; eles tampouco pensaram nas sinistras teias de aranha que ao primeiro movimento seus cabelos ruivos teriam rasgado.



o apar



Θ-σάβηθ O iniciado pressente o ponto original da vida: ele possui um pequeno número de átomos viventes sob forma de conceitos que tornam possível o ato da criação; ele conhece um pequeno ponto cinza que permite fazer o salto do caos à ordem.

Paul Klee [3]

O branco é a cor-luz ideal, síntese favorecendo assim a duração silenciosa dos brancos diferentes se dá surdamente, sendo mais opaco, talvez por isso, pouco usado, pois já nasce um branco e outro. O branco, porém, e ainda resta ao cinza um papel em chegar a essa cor. Os brancos que se também a sua diferença da neutralidade um sentido especial, diferente dos conhecidos. Está mais próximo do seu sentido simbólico, da relação existencial, é que caracteriza o tempo. Diante dela o homem não mais medita seu tempo vital à medida que se envolve na obra.



Durante sua vida, meu avô paterno Armindo Adams construiu um pequeno prédio de seis apartamentos na cidade de Porto Alegre. Quando morreu, o imóvel permaneceu fechado durante dez anos. Assim que entrei, me deparei com uma espessa camada de poeira sob o piso de madeira. Dez anos separavam a presença de alguém naquele lugar. Do gesto curioso em registrar o apartamento inabitado por tanto tempo, capturando o pó cinza e o que se decompunha em minha frente, o conceito de desfazimento e a presença da cor cinza foram se apresentando em passos lentos e contínuos. Ato de encontro puramente intuitivo, a cor penetrava vagarosamente nos poros de todas as superfícies, no mesmo instante e direção que se fazia o caminho.

Caminhante, não há caminho, faz-se o caminho ao andar, proclamava o poeta modernista espanhol Antonio Machado.





O cinza se tornaria não só a cor da poeira, como também da lama e da areia e traduziria o caos que insistia em aparecer nas três circunstâncias. O encontro com o cinza, foi de fato o encontro com uma espécie de caos. O cinza como caminho do meio, presente entre processos, entre a vida e a morte, entre o começo e o fim. "Este ponto é cinza, porque não é nem branco nem preto ou porque é tão branco quanto preto. É cinza porque não está nem em cima nem embaixo, ou porque está tanto em cima como embaixo. Cinza porque não é nem quente nem frio. Cinza porque é ponto não dimensional, ponto entre as dimensões e na sua interseção, na interseção dos caminhos", descrevia Klee. [5]



Se o pintor suíço Paul Klee denominou seu ponto onde a ordem do universo irá brotar e irradiar e entre os acontecimentos e os encontros com



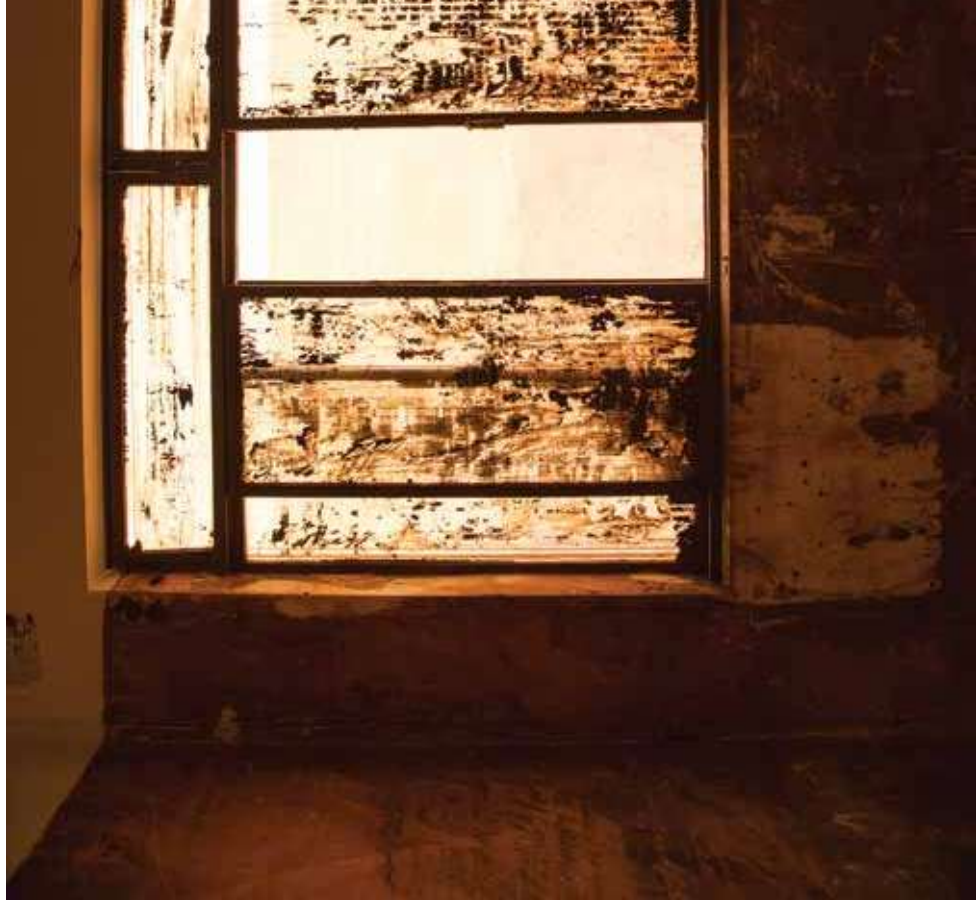
Apareço inteira naquele
entulho de tempo.



Como ponto de partida, os registros fotográficos do piso de madeira em suas distintas intensidades de cinza transformaram-se em escalas tonais, numa convergência quase abrupta entre nomes e ofícios.

Ali o dispositivo fora disparado e o encontro improvável entre o(s) Adams e a(s) fotografia(s) confluíram no espaço/tempo, antecipando não só a relação do conceito de desfazimento e caos com a cor em questão, como também antevendo a ideia de um olhar para o mundo sob outra perspectiva e reivindicando novos modos de operação sobre os acontecimentos ainda por vir. Se o fotógrafo norte americano Ansel Adams [6] elaborou sua teoria do Sistemas de Zonas a partir da divisão do negativo em 11 escalas tonais, determino meu próprio sistema, subvertendo as regras do rigoroso fotógrafo. Utilizando a poeira como matéria cor para criar minha própria escala tonal, dou partida a uma série de desdobramentos, assumindo o imprevisível (quase) como método de pesquisa.

A fotografia seria índice, assim como o nome Adams? Seria o meu sobrenome um falso Adams? Uma herança "ilegitima"? Qual o sentido de real na fotografia?



O isso foi [7] diante da construção de um a registro de uma dada realidade é o que mante Anterior a captura da imagem, algo realmente espécie de fascínio e desconfiança, ela enqu algum vestígio de real, cria simultaneamente u

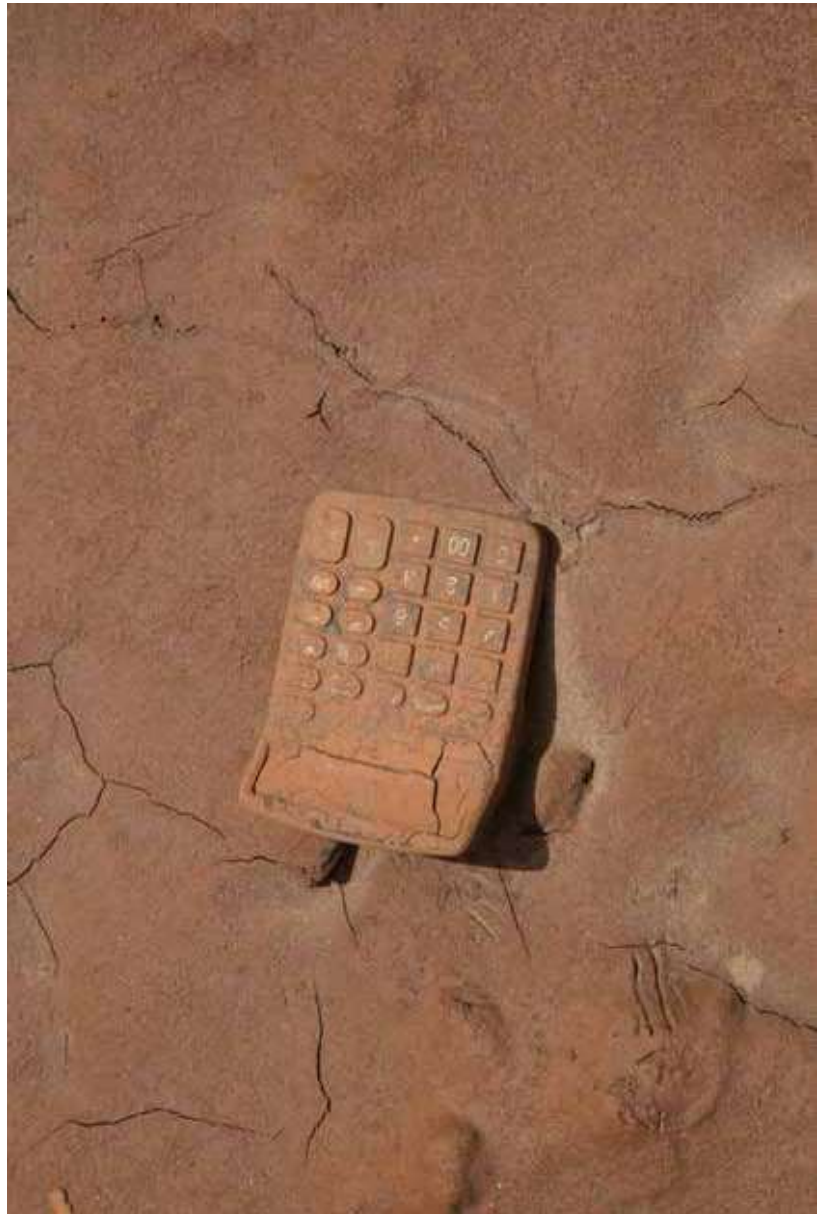


















A fotografia, por documental que seja, não ocupa o lugar de uma coisa real; ela não ocupa o lugar de uma coisa que exista. A fotografia, como discurso e como prática, existe: ela fabrica um mundo, ela o faz existir. A imagem fotográfica não é um corte de um mundo real, ela é um corte de um mundo que se cria no momento da exposição automática e analógica de um real produzido por um novo real (fotográfico), no decorrer da exposição.



Entendendo que nenhum aparelho é concebido de forma neutra (nem em sua origem, nem em sua construção), faz-se necessário olhos e corpos atentos ao observar o resultado do que se apresenta diante de nós. É preciso desconfiar das imagens. Jonathan Crary em seu livro *Técnicas do Observador* [9], aponta para a própria origem dos aparelhos óticos produtores de imagens como relacionados a um único e duradouro dispositivo de poder político e social, elaborado ao longo de vários séculos e que continua a disciplinar e regular o estatuto do observador.

O que resta então é a disposição para se aproximar e conhecer seu mecanismo interno em profundidade e tomar a decisão de seu uso. Interessante pensar que esse aspecto também pode ser transposto para as ciências. Nos experimentos científicos, como definir critérios, em quais circunstâncias se dão as teses e conclusões?

Diante dos aparatos tecnológicos, resta repetir ou subverter seu funcionamento? Visto por esse aspecto, o fotógrafo Ansel Adams rompeu um paradigma técnico com a criação do seu Sistema de Zonas, [10] dividindo o negativo em onze escalas tonais e negando a operação funcional do aparelho já disponibilizado. Permanece a pergunta: a partir de gestos como esse, que tipo de imagem se deseja colocar no mundo?

Para que a imagem fotográfica aconteça, múltiplas engrenagens se criam e se articulam, não só em relação ao equipamento mas também na ação de quem opera a câmera. São inúmeras as escolhas durante as etapas; desde a câmera utilizada, o material fotossensível, lentes, acessórios (todo o "controle" operacional do equipamento), mas também e fundamentalmente como o corpo-olho do fotógrafo se posicionará diante do acontecimento: sua abordagem, comunicação, ângulo escolhido e finalmente o que se pretende mostrar visível na imagem, qual o verbo que estará ali presente.

Recordando A Filosofia da Caixa Preta de Vilém Flusser [11], é preciso atenção para não se tornar um funcionário do aparelho, conduzindo ações programadas.





Pensar sobre o “aparecimento” das imagens, pensar sobre como se dá o surgimento das imagens, construir nossa própria visão disso do que

Nesse espelhamento de mundos, entre fotografias e construções articuladas que concebemos sem circunstâncias e seguindo numa rede sequencial nesse modo de funcionar, atua uma espécie de “realidade” também acontece uma certa maneira levados como uma onda a embarcar na experiência em jogo.

Citando novamente Flusser, ele manifesta sua ideia de que ela carrega, associando sua origem à necessidade de distância subjetiva sob as coisas.

“É absolutamente impossível ver a imagem em cada uma delas. Uma imagem é vista de fora. São como mapas, mas com o significado do mundo, também o espaço e toda mediação... O que acontece na imagem é a responsável pelo fato de que as imagens são a razão para uma alienação muito profunda para orientarem no mundo. Porém quando essa experiência no mundo para se orientar torna-se a realidade concreta e o mundo

O exercício de perceber os fenômenos a partir do mecânico e também com o olho-corpo em seus processos de observação de mundo. O que está diante do sujeito é a própria construção de um real, articulada em sua prática, aproximação e gesto perante os eventos, criando um mundo em fluxo constante, sempre em transformação.







porto alegre navegações



Observar a construção feita pelo avô distante e subir as escadas do prédio de três andares. Pedir cores, reparar na tentativa de um gesto arquitetônico, temperatura ou algum ruído. Tocar a campainha para buscar as tantas e confusas chaves. Ter dois apartamentos depois de dez anos sem nenhuma caverna como extensão de si, reconhecer a caverna.

A entrada no apartamento colocava diferentes convergências, o agir que se fazia urgente de tempo (após dez anos, haviam dívidas de IPTU, então aconteceu embates que iam de encontro a realidade, vezes encobertas pela névoa da ausência, talvez). "Nós existimos principalmente por nossa ausência".

alguma identidade próxima de mim. Comove-me o movimento que fazemos nessa direção, a fim de tentarmos construir um sujeito para si, mesmo que tudo se dissolva diante do imponderável vazio, de um momento para o outro.

A poeira de um apartamento fechado por dez anos. A poeira. A identidade por ausência. O avô. A ideia de um registro fotográfico de um lugar sem nenhuma garantia para se tornar algo. Não havia história relevante, de convívio afetuoso. Nada em profundidade, somente memória ou tentativa de algo. A poeira aqui, acumulada nos tacos de madeira, aparecia como uma teia/tela conectando planos e mundos, criando uma rede que possibilitava adentrar camadas, se não de memórias, de esquecimentos. A cidade era outra, distante. Também o tempo. O que restava era a ideia de um lugar ainda a ser construído, ainda a ser imaginado.

Se algo parece insustentável, transbordando-se em ruínas de qualquer passado, é a partir desses conectores em rede que se encontram as faíscas de lucidez e escapes.

Os fios tendem a se reunir e quando apaziguados, voltam-se para o coletivo, onde a vida está.



A ruína é um objeto bem formado, contém o lugar no qual se formou, e tem do objeto: ocupar um lugar no espaço, sentidos, etc. Ainda que na prática destruído, a ruína é certamente um objeto falante.

porto alegre
navegações grafadas, 2017-2018



A investigação me traz para o mesmo endereço. Porto Alegre, Av. Protásio Alves. A mesma avenida onde nasci e escolho permanecer durante o período de alguns meses. Completo cinquenta anos de existência no apartamento. Nada planejado. Não há controle sobre os acontecimentos e se estou aqui, é preciso ter a coragem de olhar.

Incorporo alguns movimentos como moradora da cidade: supermercados, mercearias, farmácias, banco, centros culturais, caminhadas à deriva. Reconheço-me antropóloga. Também arqueóloga de si. Se por vezes me escapo, apareço cada vez mais a mim.

A experiência no apartamento se torna um laboratório de intensidades espaço-temporais. Mesmo distraída, sigo lançada em fluxos contínuos de buscas e reconhecimentos afetivos que me dizem respeito, mesmo quando me deparo com a história de outros.

Além de desejos e dúvidas, levo comigo muito do que possuo do acervo familiar: fotos, slides, negativos, câmeras, projetores, filtros e acessórios. Olho cuidadosamente toda a iconografia dos objetos e imagens, a fim de seguir a trilha de uma e tantas identidades, muitas vezes sem nenhum reconhecimento. Desse jogo, faz parte decifrar enigmas e ir na tentativa de romper aquilo que um dia também fez parte da história de alguém.

O que compõe essa vasta coleção irá desaparecer, como há muito já desapareceram as imagens contidas ali, não porque as fotografias desbotaram, mas porque o que se construiu ali como imagem, nunca de fato existiu.



A própria imagem é autista, ela não a imagem não é tirada. A câmera lib imagens se revelam, passam livremente livres... até por serem completamente O "se" do tirador de imagens, que na

A qual mergulho me disponho



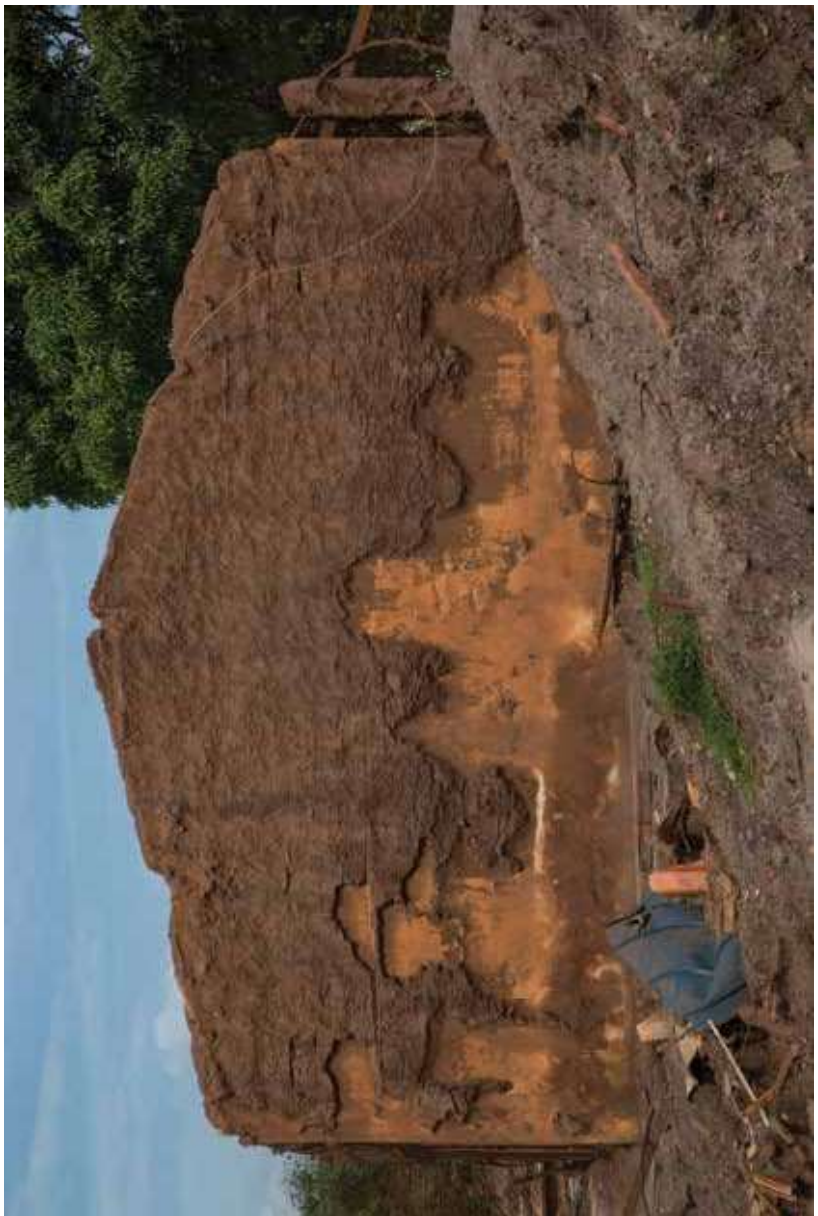
Além do acervo, também trago comigo vários livros. Quase somente. Se me proponho a uma nova experiência, também de afastamento de uma rotina cotidiana e necessário. A experiência propõe, além da prática e independência de todas as tarefas cotidianas da sobrevivência: comprar, carregar, cozinhar, unicamente por mim. Também me proponho a uma experiência do silêncio se intensifica, assim como o budismo tibetano. As meditações diárias se tornam silêncio/escrita/produção uma única e ruidosa experiência poeira como símbolo de desconstrução, vou me reconstruindo. Reúno as condições e me aproximo a

Atualizo os três lugares estados (de) por mim e me reconstruindo (empoeirado) de 70 metros quadrados da Av. Pr











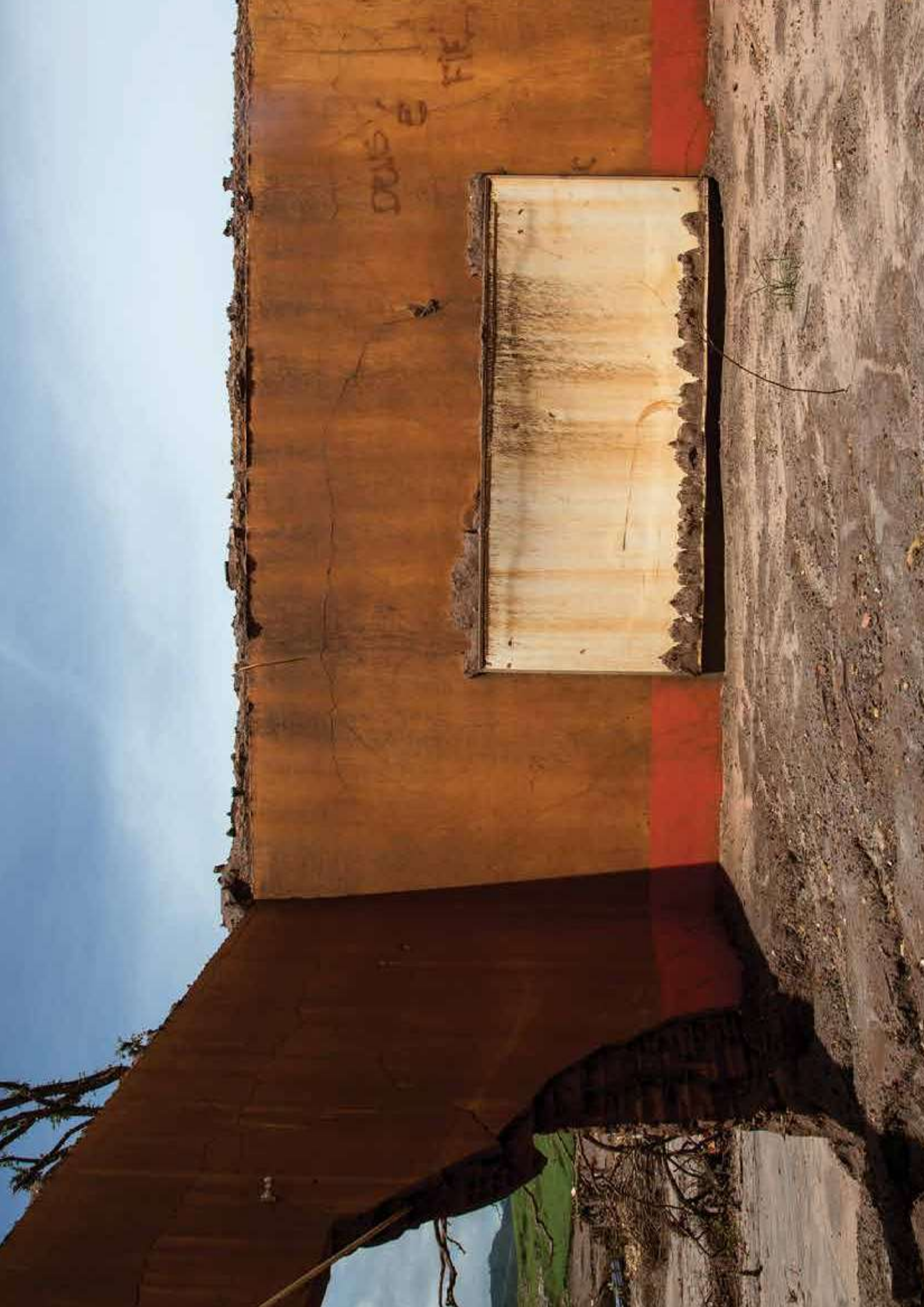
Se tantas são as poeiras... de Bataille, afim de constituem o humano, de T.S Eliot, mostrando Morandi e Picasso, deixando seus ateliês tão en na fotografia de Man Ray.

A experiência interior, por não poder ciência, nem na busca de estados en anseio nem outro fim que não ela pousei seu valor, sua autoridade... Chamo experiência interior uma viagem Cada qual pode não fazer essa viagem negadas as autoridades, os valores e









DUBÉ É FIE









SEJA FELIZ

PARA O SEU NOVO CAPÍTULO NA VIDA!

SEJA FELIZ
PARA O SEU NOVO CAPÍTULO NA VIDA!

SEJA FELIZ











Quando o desastre chega, ele não chega. O desastre é sua própria iminência, mas desde que o futuro, tal como nós o concebemos na ordem do tempo vivido



Se há um ponto onde acontece a crise, onde n
o filósofo Peter Pal Pelbart [18], é também a
atuar no sentido da vida ou da morte. Como, en
autônoma e livre?

Quais são os sinais de que aquilo vai numa dire

Como operar no sentido da vida, da força que e
seja possível um atuar coletivo?





No livro O Aracniano e outros textos, Fernand Deligny [19] localiza a proliferação das redes e seus ápices nos momentos em que os acontecimentos históricos se tornam intoleráveis. Numa escala mais aproximada, dos anônimos que fazem e também destroem a mesma história, a rede se cria como único recurso capaz de operar salvamentos. Nos piores desastres, as tramas da rede aproxima sujeitos que se tornam naquele instante, indispensáveis uns aos outros. O sujeito-só já não basta e o sentido colaborativo aparece como possibilidade viva.

No dia 5 de novembro de 2015, Bento Rodrigues (subdistrito a 35 km de Mariana, Minas Gerais) foi devastado por uma avalanche de rejeitos de minério de ferro em consequência do rompimento da Barragem do Fundão da Samarco Mineração S/A, mineradora ligada às maiores empresas de mineração do mundo (a brasileira Vale S.A. e a anglo-australiana BHP Billiton). Dezoito mortos, um desaparecido, destruição da flora e fauna, dois municípios soterrados pela lama tóxica, outros tantos destruídos, rios comprometidos, mar atingido, comunidades e vidas sacrificadas.

Naquele momento, nos 40 minutos entre o rompimento da barragem e a destruição total da cidade, uma auxiliar de serviços gerais, Paula Alves, alertou quem pôde e principalmente as crianças que estavam em sala de aula. Com sua moto, logo sem combustível, ela conseguiu salvar centenas de vidas.













mariana
navegações grafadas, 2016





Fui com minha família olhar de perto Mariana e seus arredores em janeiro de 2016. Quis estar ali por alguma razão. Estar próxima das pessoas e dos acontecimentos, sem planejamento prévio.

O fato e a lama ainda frescos. O cheiro do trauma.

Encontrar o imprevisível de um desastre, um crime ambiental de contornos ainda desconhecidos.

Reconhecer o lugar e nos reconhecer naquilo, não só naquele território, mas como núcleo, como grupo que se desloca para uma experiência outra, uma experiência dura. Estar com o corpo inteiro imerso numa investigação repleta de incógnitas, sem saber ao certo os caminhos, as estradas.

Percursos bloqueados, entradas limitadas, obstáculos.

Se perder, se estranhar, tentar conexões possíveis, esticar a corda com insistência até encontrar. Olhar a gente, a terra, o rio, o bicho, a árvore, todos sob uma tensão oprimida. Tensão contida e presa por engrenagens também políticas. Perceber lentamente todo o esforço das instituições para manter a aparência de um controle dos que foram atingidos, dos mais próximos e de todo o entorno.

O rompimento foi brutal.

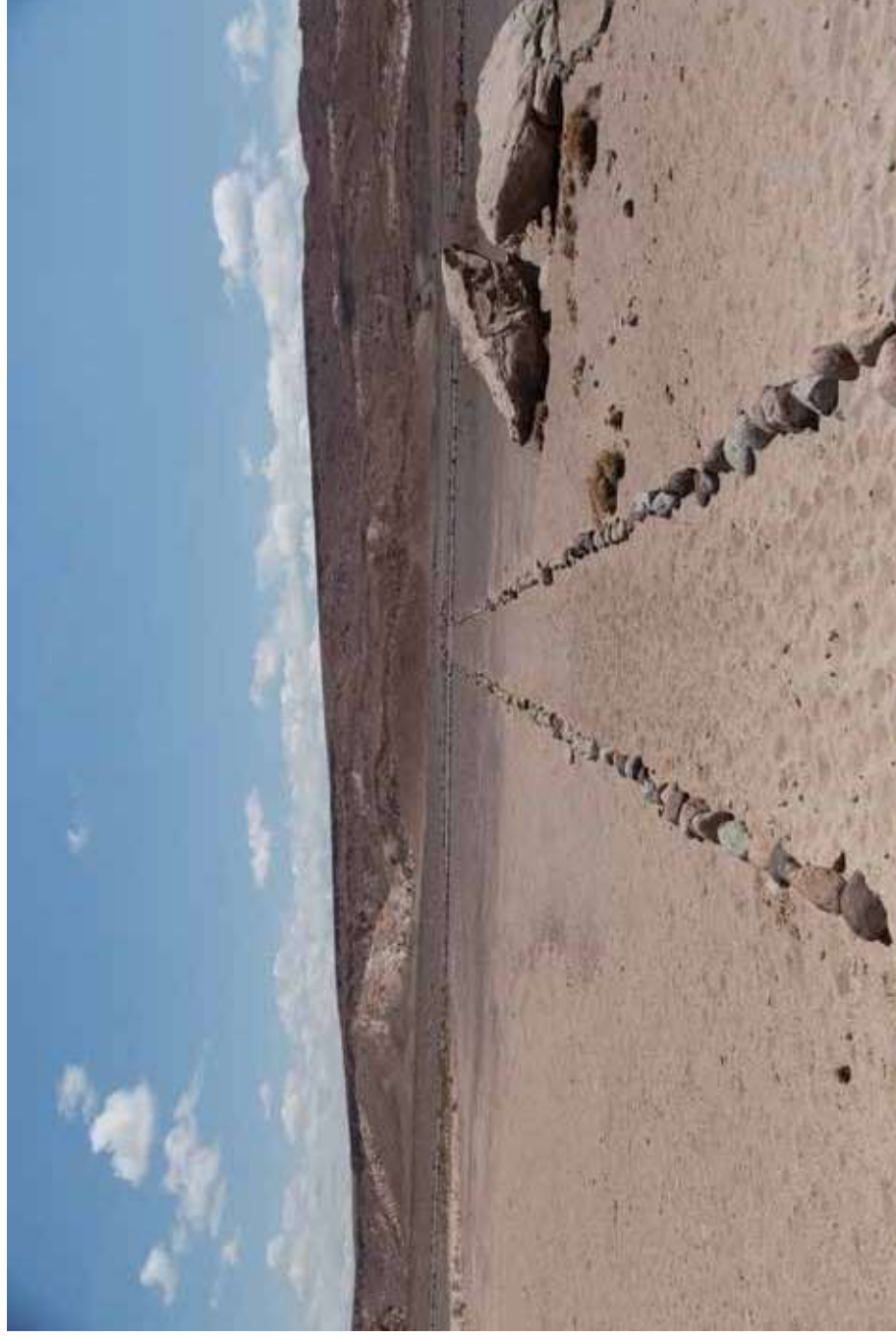
Em menos de uma hora, as vidas, casas e toda a experiência cotidiana de existir,







Estar ali durante cinco dias era coabitar essa experiência de dor e também de resistência, era estar coletivamente diante de um trauma. Era também viver o Brasil. Viver o colapso de um sistema político, social, ambiental e fundamentalmente um colapso dos direitos e da condição humana. Eram vidas, em suas mais extensas formas, que se esfacelavam.



Se a lama que soterrou os municípios de Mariana escancarou as entranhas do perverso sistema que segue acontecendo no país, o evento traumático preconizou a avalanche de ruínas políticas que aconteceria em menos de um ano, iniciado com o *impeachment* [20] da presidente Dilma Rousseff no dia 31 de agosto de 2016 e seguindo com a sucessão dos vários acontecimentos desastrosos no âmbito social e político.

Se a continuidade dos acontecimentos parecia uma armadilha projetada para enfraquecer ou até mesmo liquidar um governo que havia promovido reais mudanças para as classes populares, lançando ações cujo propósito era a construção de estruturas necessárias para dar à maioria da população condições básicas e autonomia mínima o percurso só levou a crer que o processo de derrubada da presidente Dilma fora injusto. Sim, se tratava de um golpe.

No dia 24 de janeiro de 2018, com a condenação do ex-presidente Luís Inácio da Silva, o Lula, tornou-se clara e escancarada a perseguição política de quem de fato havia alterado a trajetória do país.

Autorizado a assistir presencialmente ao julgamento do ex-presidente, o advogado australiano Geoffrey Robertson, que o representa no processo apresentado à Comissão dos Direitos Humanos da ONU, fez a seguinte observação: “Uma corte de apelação é uma situação em que três juízes escutam os argumentos sobre a decisão de um primeiro juiz, que pode estar certo ou não. Os juízes hoje (no julgamento do dia 24) falaram cinco horas lendo um script. Eles tinham a decisão escrita antes de ouvir qualquer argumento. Nunca escutaram, então isso não é uma sessão justa, não é uma consideração apropriada do caso”

Num âmbito geral, parece claro que nos últimos anos estamos todos submersos numa avalanche de acontecimentos que nos dão a nítida visão de estar indo num sentido contrário aos direitos mais democráticos dos cidadãos. Não bastasse isso, os fatos acontecem e são apresentados ao mundo com o aval das grandes empresas de comunicação, que além de filtrar as notícias, se mostram parciais em divulgá-las, contribuindo para gerar uma sociedade cada dia mais radical, reacionária, intolerante e violenta.

e injustiça frente às discrepantes diferenças
tivermos maturidade suficiente para encarar
até os dias atuais, possamos ter uma visão ma
e em que circunstâncias tudo se deu. Muito, c
acontecendo se dá pela convergência de incale

Como estar presente diante disso?

De que maneira contemplar?



Se o mundo se apresenta dessa forma e parece insistir em sempre escancarar as consequências brutais de nossos atos, resta-nos acordar desse estado onírico e nebuloso onde parecemos estar para enfrentarmos de fato a situação e tomar alguma decisão, ou melhor, iniciar o gesto na direção de outra forma de habitar, que faça sentido e que consiga manter, no mínimo a sobrevivência do planeta e da espécie humana.

Como realizar isso sem primeiro apaziguar as tormentas internas?



É possível fazer o movimento de transformação do outro sem antes experimentar uma real serenidade individual?



A primeira força a impulsionar os levantes como um ato de resistência ao desmoronamento de uma revolução, da qual se espera o êxito, os levantes nunca cessam, por serem involuntários não exteriores ou im-

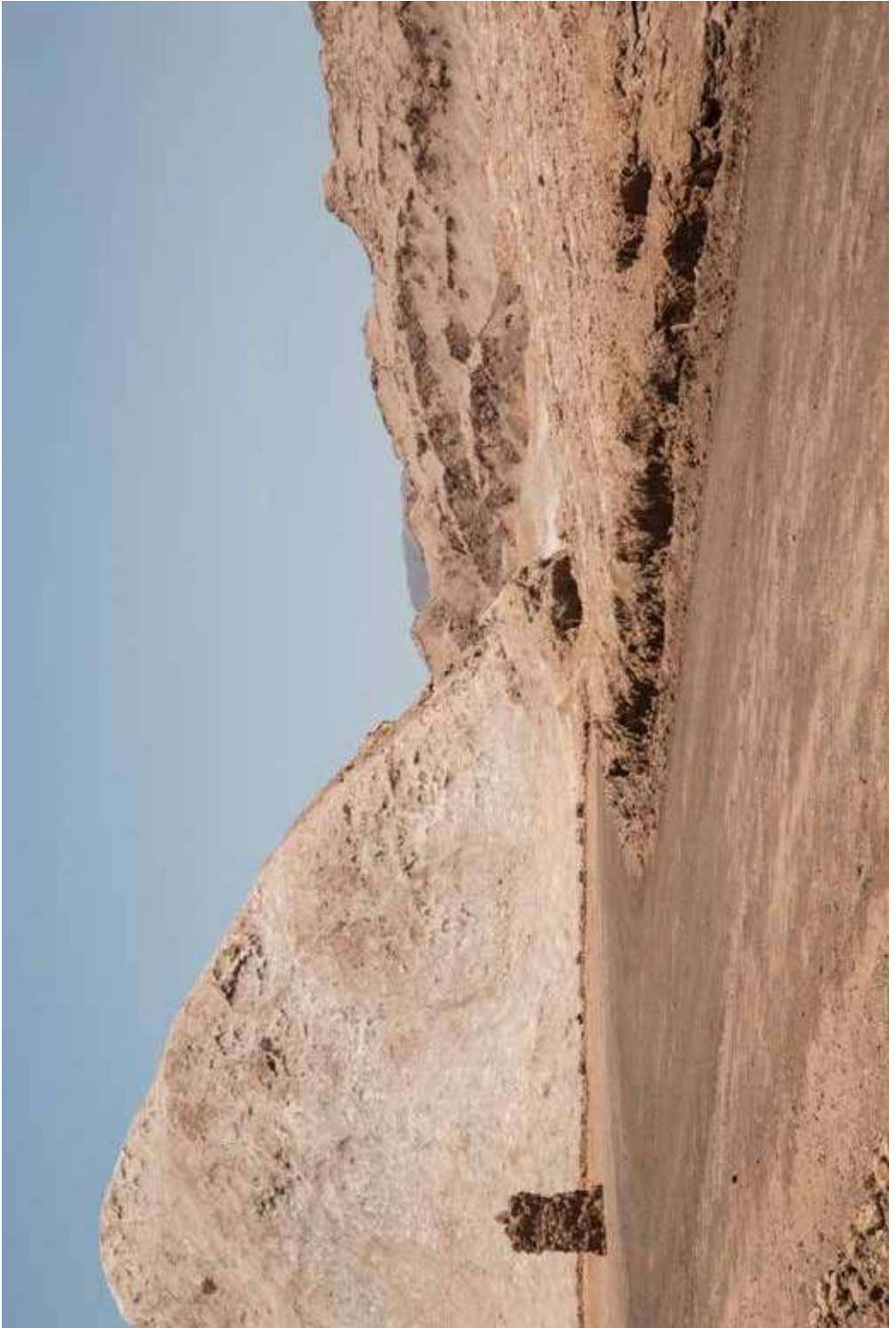
Quais seriam as nossas perdas? Como identificá-las?



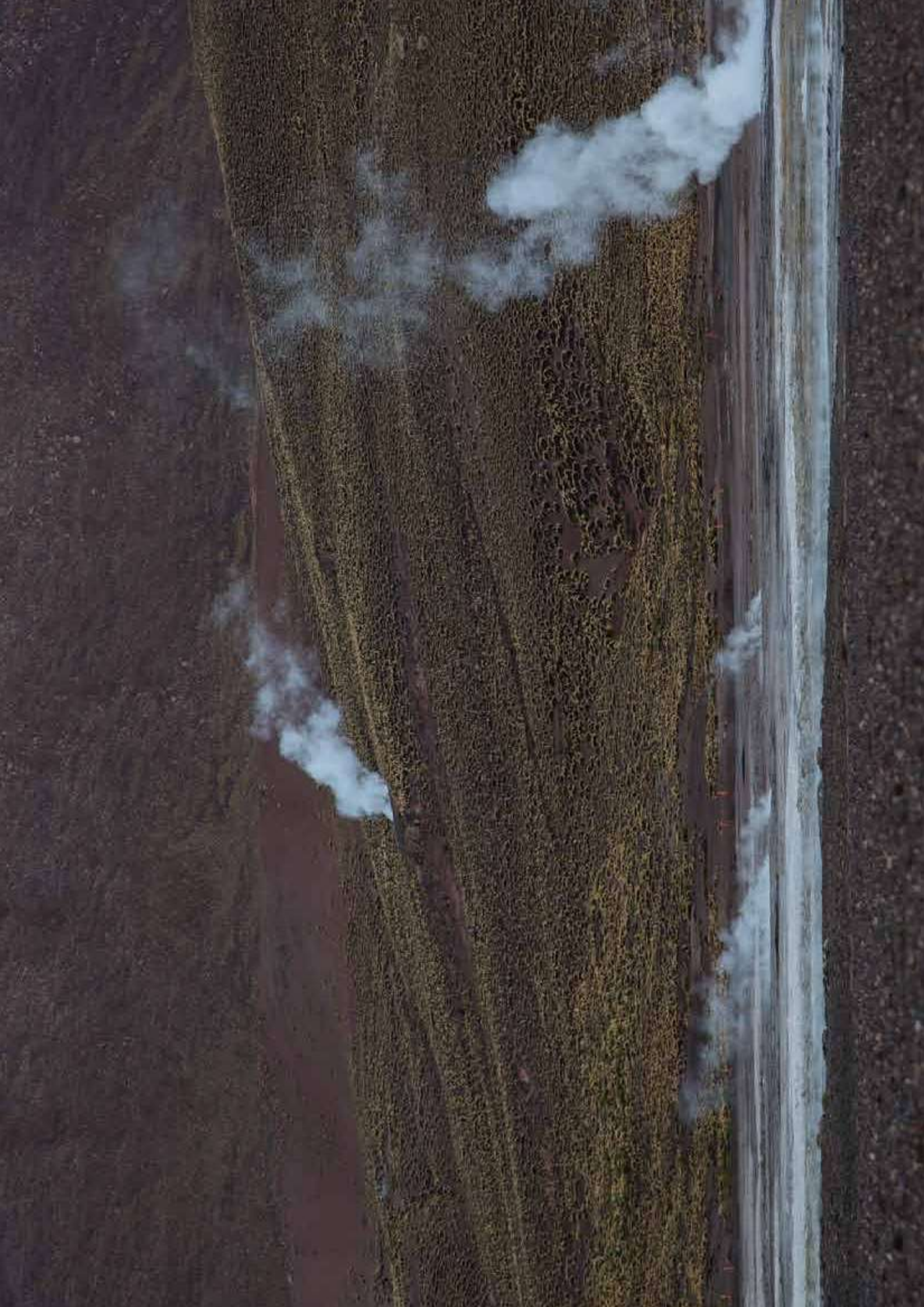




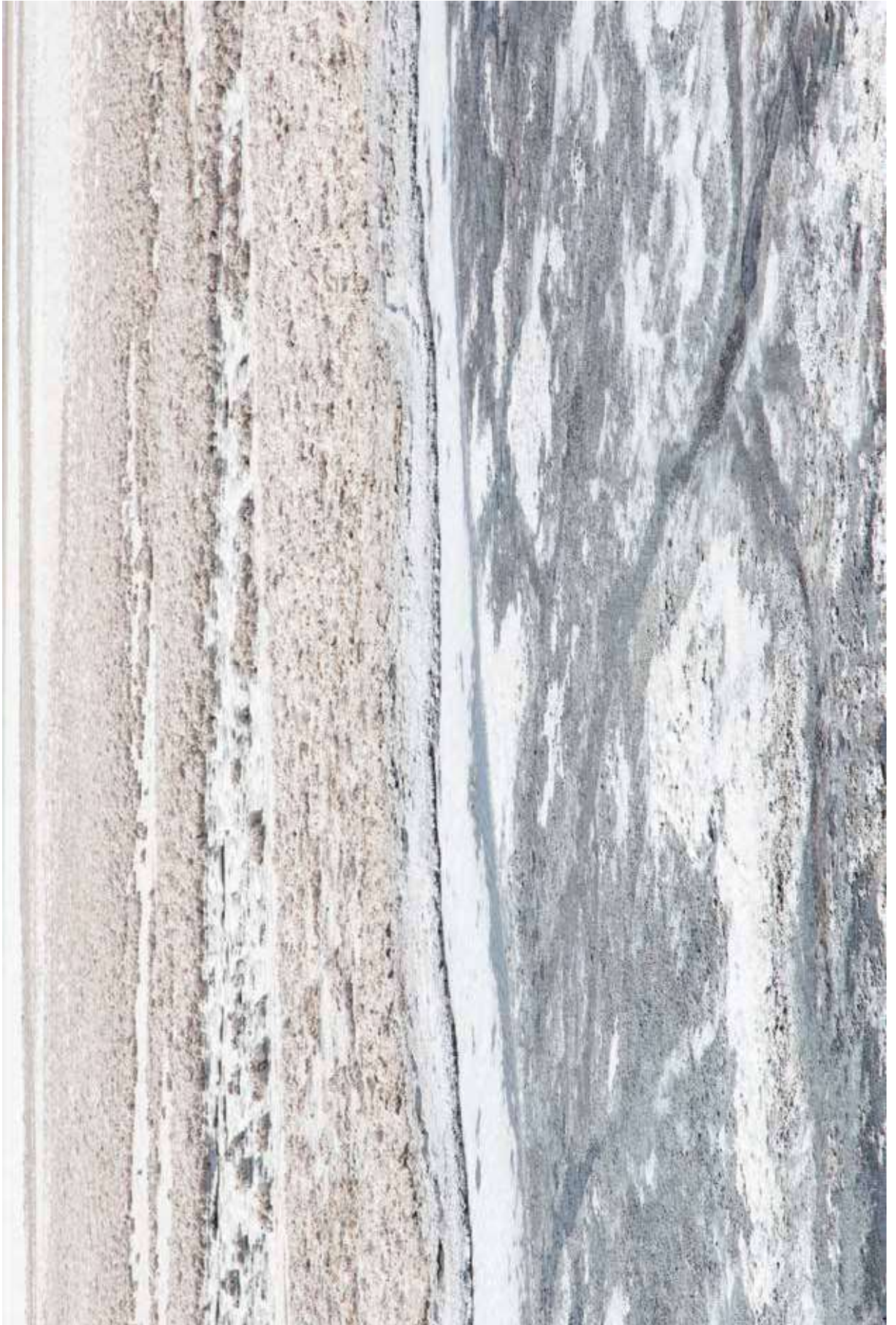
















desertos cheios





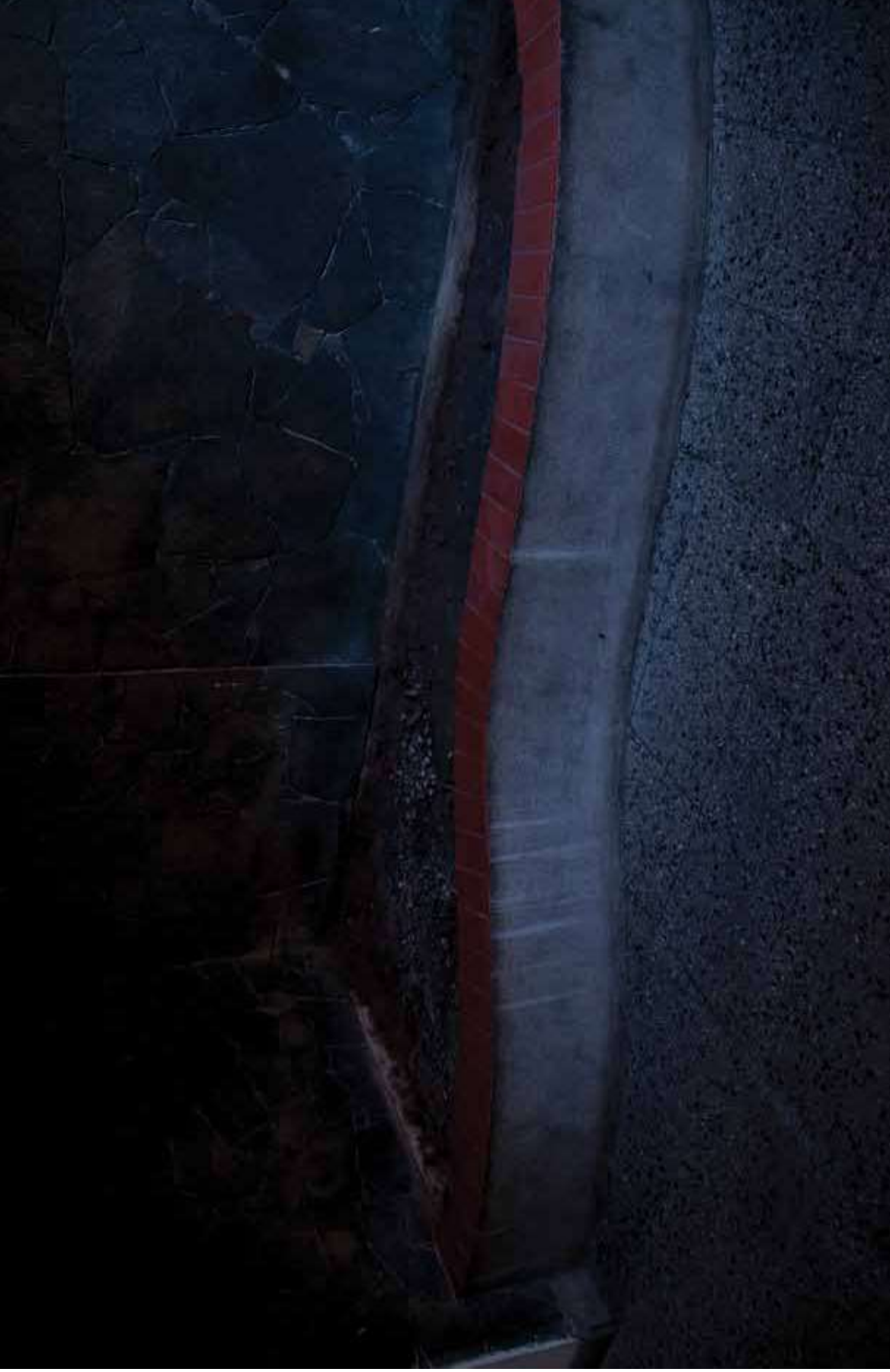
Quando se fala do homem e do espaço, lado e o espaço de outro. O espaço, p O espaço nem é um objeto exterior e homens e, além deles, espaço.



Como se vai ao deserto?
Porque razão?

Que experiência de si e da natureza se pretend
Indo ao deserto levamos tudo a se colocar nu c
Não há disfarce dentro da paisagem do desert
Ali tudo aparece, em sua transparência.

Tudo se apresenta na mesma medida da escala



Não fui ao deserto sem estar. Não fui ao deserto.

Me equivoquei com o deserto. Ou comigo na experiência do deserto.

O deserto estava lá. Eu pela metade.

Pois lá, na natureza que pulsa sob lâminas de superfícies vastas, tudo que não é existência plena se faz grito dissonante, aparece em evidência.

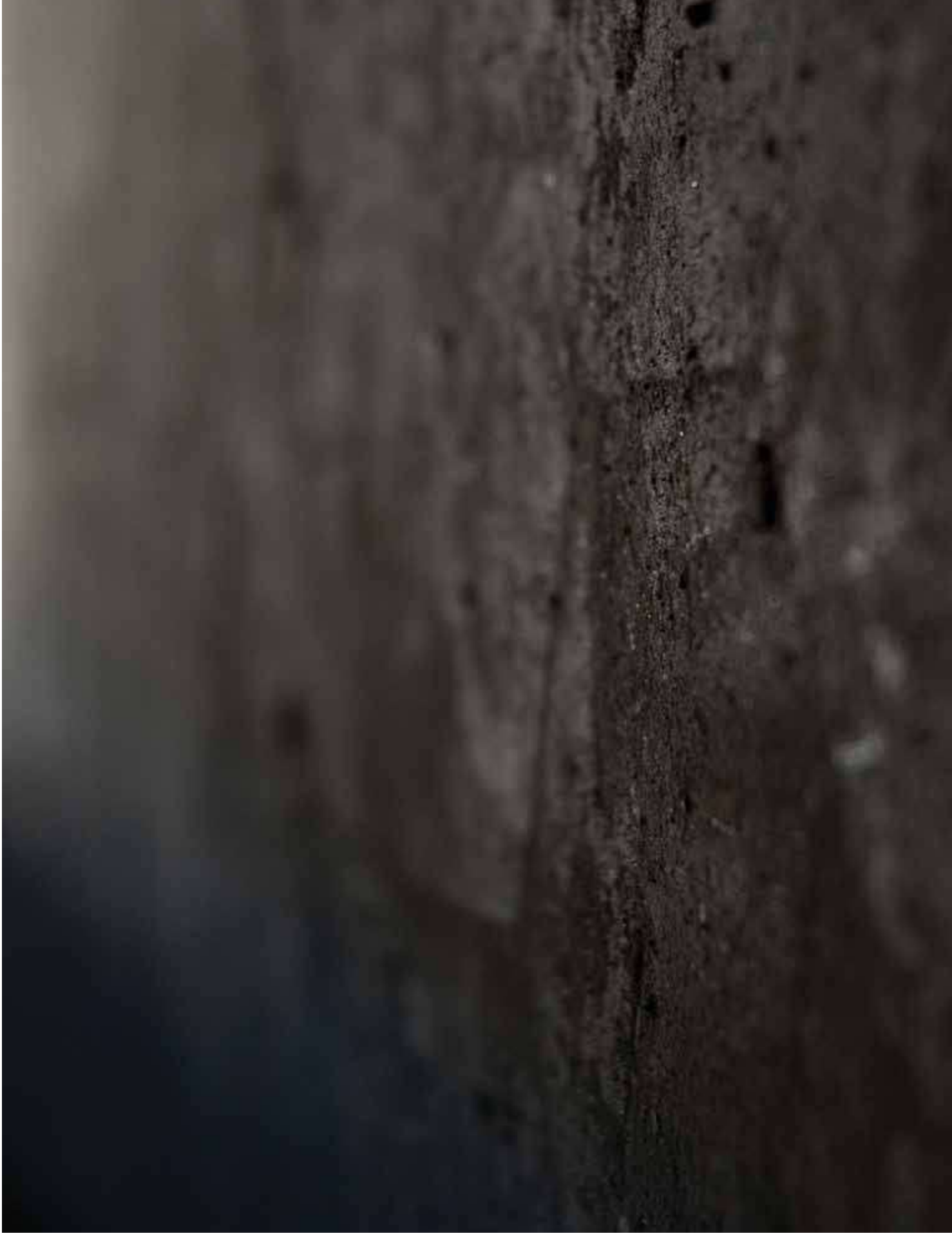
Estando lá, apareci um tanto bamba na paisagem, olhando tudo em volta como se fosse de fora daquilo. Foi pela simples razão de não olhar primeiro dentro. Profundamente de dentro.

Bastasse isso e ficaria em silêncio, calado.
Não precisaria do som, da voz.

Saberia de mim mesma o quanto ainda não o fazendo, me equivoquei. Eu me equivoquei.
Também outro, outra. Também deserto.
Lugar geográfico de universos paralelos.
para um não lugar. O amplo horizonte humano.

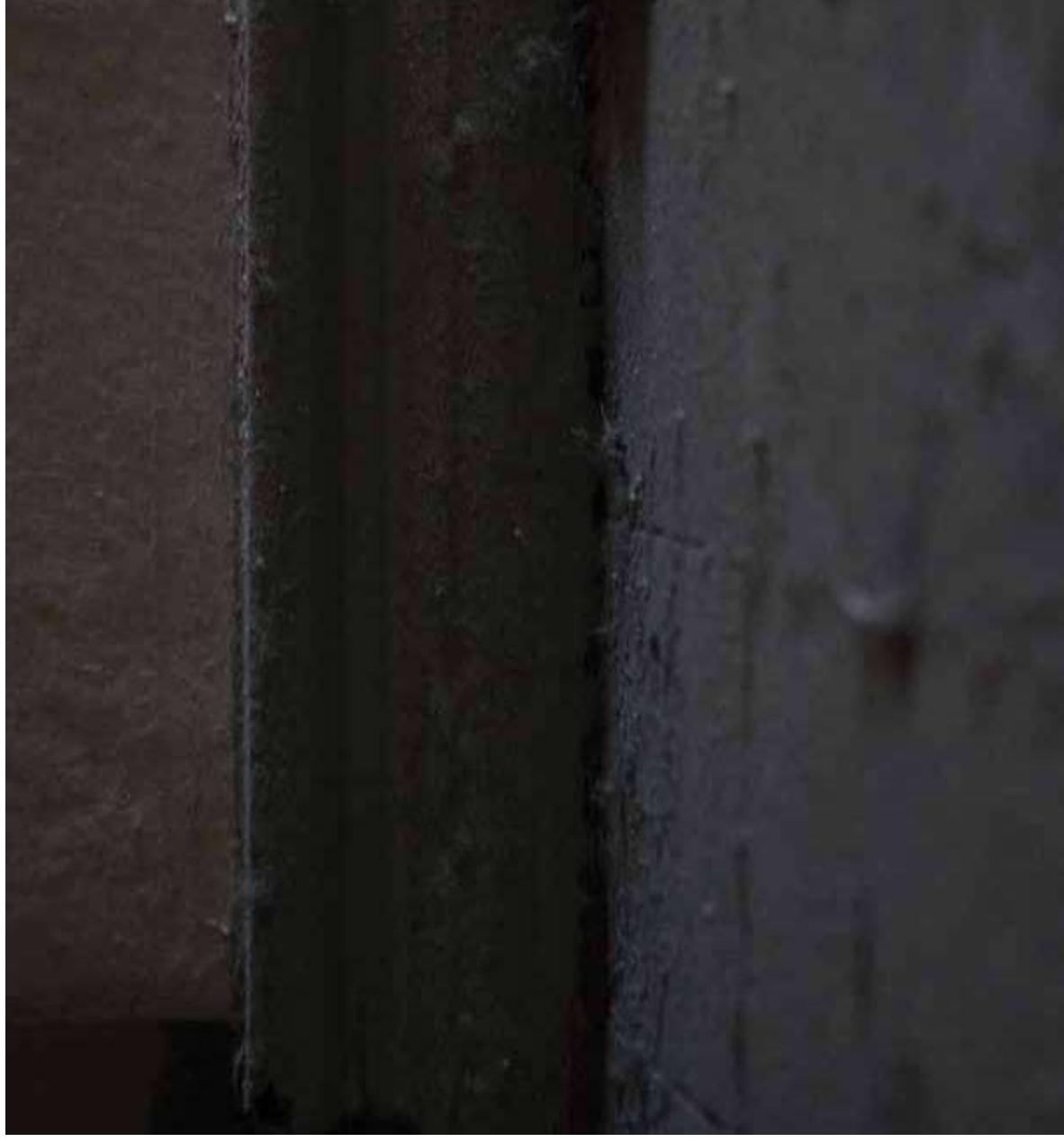
DO AR.

doar





Ter como espelho o deserto do mundo. Um r
lentes de aumento atraindo e possibilitan
horizontes largos e espaço de natureza rude,
e lentamente ocupa ouvidos que se dispõe a
bem marcado em solo e constelações, pode-s



Até o fim que não chega. O silêncio que não existe, nem começo, nem fim.
Se (ou quando) for o momento, o corpo se faz presente.

Imóveis de gestos, em estado meditativo, há somente a observação do todo que flui,
do acontecimento e sua duração sempre impermanente.



Sujeito-só que são também outros.

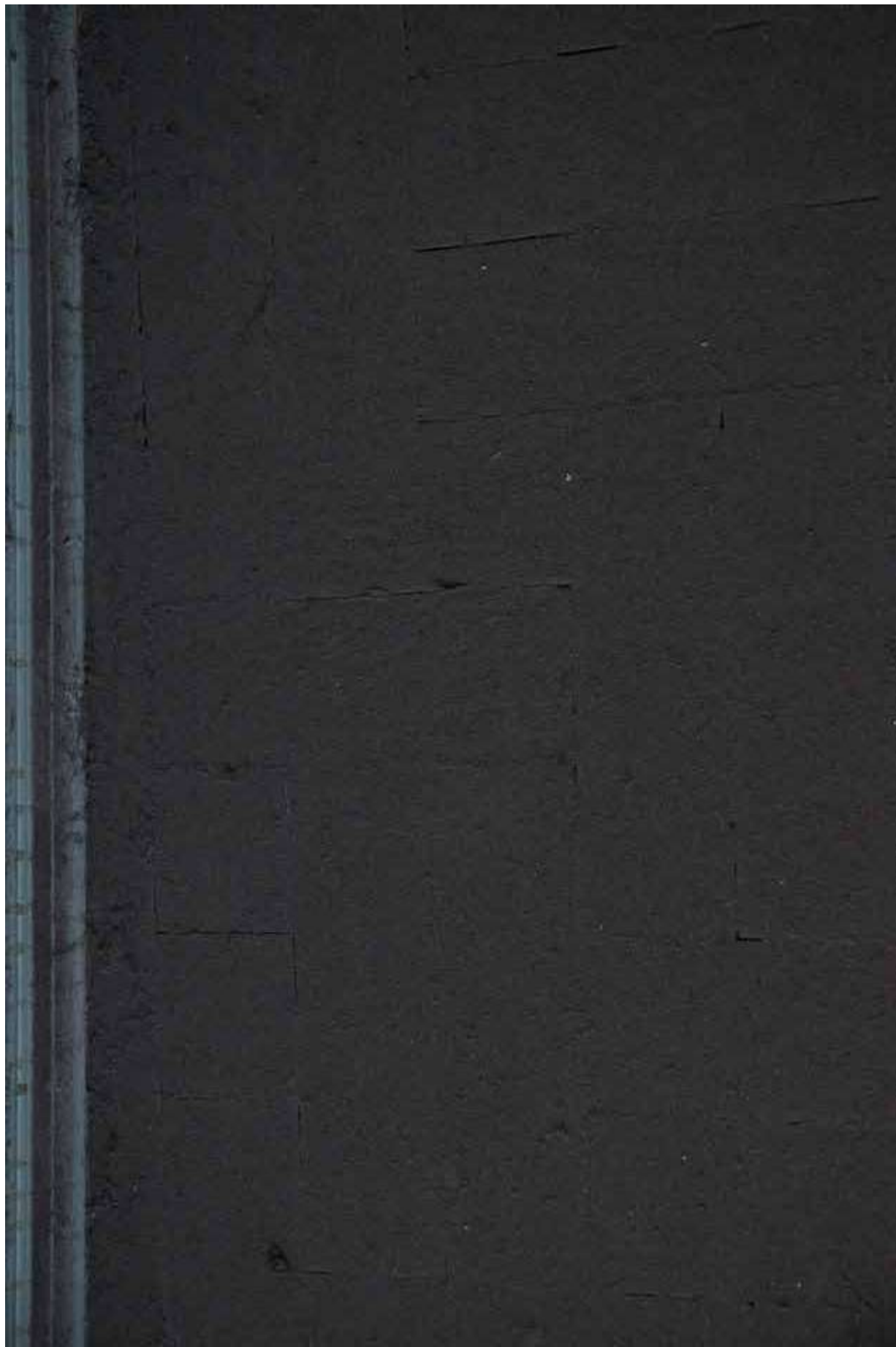
Por perto, pedras que delimitam os percursos dos lugares frágeis. Horizontal.



O que parece inabitado não o é.

O que parece liso, não o é.

Há o tempo do silêncio, o tempo do sal, o temp



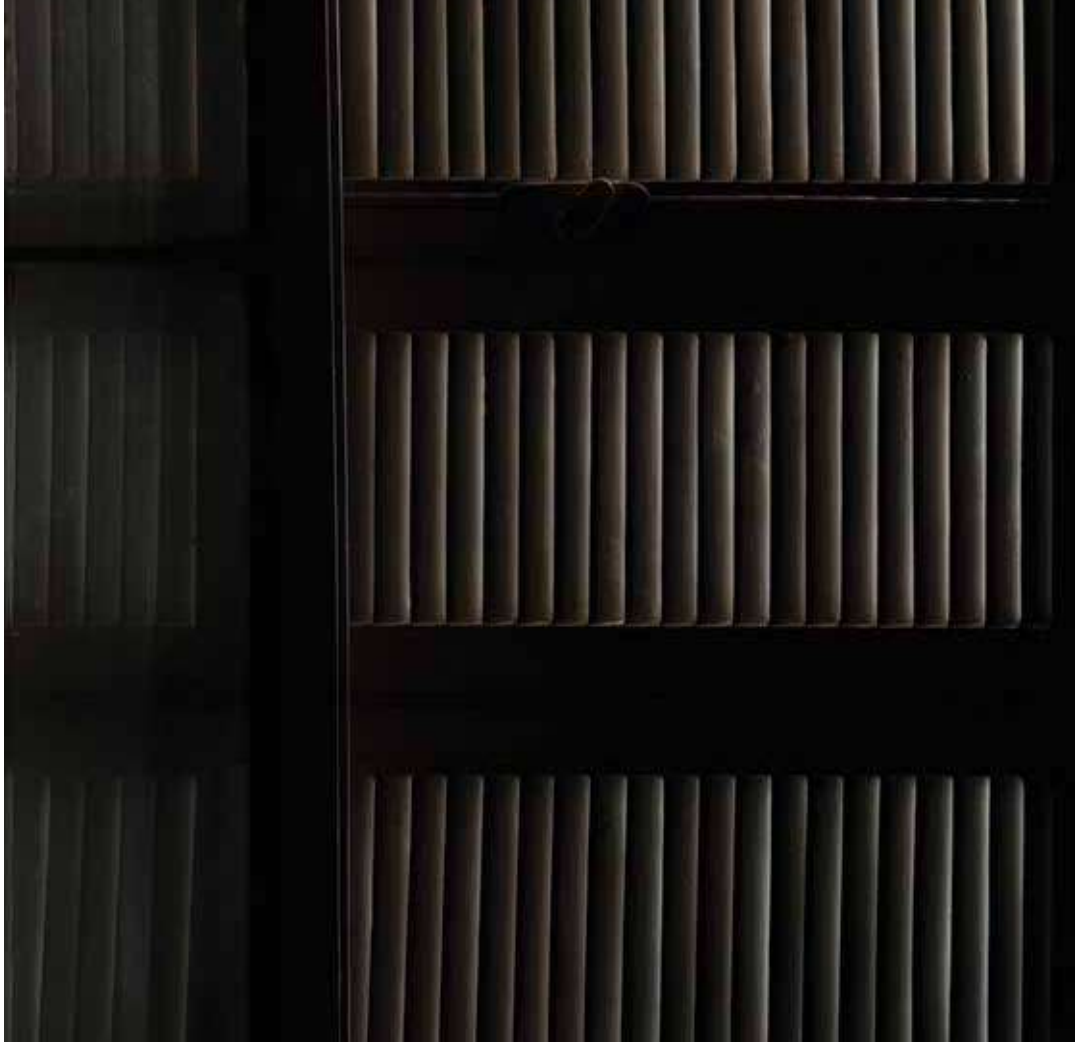
O que perma

Espaço imer

Ainda abe

deserto do atacama
navegações grafadas, 2017





13 de janeiro de 2017.

Chego com chuva no deserto mais seco do planeta.

Conforme se faz o caminho, me dou conta do que parece cercado, parece cercado. Se o trajeto nos encaminha ao dilatado, lentamente algo também parece coexistir de forma submissa, dócil. Avançando na estrada, percebo naquela pequena vila do imenso deserto um turismo domesticado.

Aos poucos vou murchando em mim. Me engano em pensar nos lugares do mundo como sendo ainda próximos aos lugares originários.

Eu me engano em mim, de mim.



Preciso ultrapassar essa fenda para viver aqui medida, mas a fenda insiste em me acompanhar corpos-turistas zumbis, no que há de nefasto n

O que se apresenta ali ainda existe distante de passos ao passado, na direção da compreensão legível, descritível e palpável.

Ainda tão terra e tão pouco ar.

Ainda tão longe.

Quando há o encontro do apartamento e Maria ambas se encontram naquele território vasto, de vertigem. Ali no espaço amplo, não há nenhum drama particular nem desastre social natureza que aponta para o início e o fim dos circunstância que à nossa frente se apresenta



REFERÊNCIAS + GLOSS

- [1] AUGÉ, Marc. *Não lugares - Introdução a uma antropologia da proximidade*. Campinas: Ed. Papirus, 2012
- [2] Bataille, Georges. *verbete Poeira publicada*
- [3] KLEE, Paul. *La pensée créatrice*, trad. Sylvain Charbonnet, 1965, p. 60
- [4] OITICICA, Hélio. *Aspiro ao Grande Labirinto*
- [5] KLEE, Paul. *Teoria del Arte Moderno*, Buenos Aires, 1962
- [6] Ansel Adams, fotógrafo norte americano (1893-1984) "o Parque Nacional de Yosemite, lugar que freqüentemente é chamado de 'o céu em terra'"
- [7] ISSO FOI trata-se de um noema citado por Heidegger (1984) "Toda fotografia é um certificado de presença"
- [8] ROUILLE, André. *A fotografia - entre documento e arte*

[10] Sistema de Zonas - método desenvolvido pelo fotógrafo Ansel Adams no final dos anos 40 em parceria com Fred Archer. A técnica determina com maior precisão a exposição utilizada pelo fotógrafo de acordo com a pré-visualização do assunto fotografado.

[11] FLUSSER, Vilém. *A Filosofia da Caixa Preta Ensaio para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Editora Hucitec, 1985

[12] FLUSSER, Vilém palestra Television Image and Political Space in the Light of the Romanian Revolution (YouTube), abril 1990

[13] BOURGEOIS, Louise. *O retorno do Desejo Proibido*. Vol II: Escritos Psicanalíticos. São Paulo: Instituto Tomie Ohtake, 2011, p.49

[14] WAJCMAN, Gerard. *A arte, a psicanálise, o século*. In: Lacan, O Escrito, a imagem, o belo. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012

[15] DELIGNY, Fernand. *A Propos d'un Film a Faire*. Documentário Renaud Victor. França, 1989

[16] BATAILLE, Georges. *A Experiência Interior*. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2016

[17] BLANCHOT, Maurice. *L'écriture du Désastre*. Paris: Gallimard, 1980

[18] PELBART, Peter Pal. *Think Piece: Notas sobre o contemporâneo*. Niterói: Revista Mesa, 2015

[19] DELIGNY, Fernand. *O Aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2015

[20] impeachment da presidente Dilma Rousseff – a partir de uma denúncia por crime de responsabilidade em dezembro de 2015, a Câmara dos Deputados encaminhou um processo de cassação do mandato da então presidente eleita Dilma Rousseff, o que ocorreu no dia 31 de agosto de 2016. Nunca sendo comprovadas tais irregularidades.

[21] HUBERMAN, George Didi. Texto do catálogo da exposição Levantes realizada no Sesc Pinheiros SP janeiro 2018

[22] HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Editora Vozes 2001. p. 136



**A REVOLUÇÃO
REVELAÇÃO É SILENCIOSA**

DENISE ADAMS

LIVRO III

10755





Como silenciar diante dos desmanches?



Que qualidade de silêncio estamos falando aqui?

De que maneira posicionar o próprio corpo frente a esse silêncio? Como dizer do corpo social que permanece anestesiado?

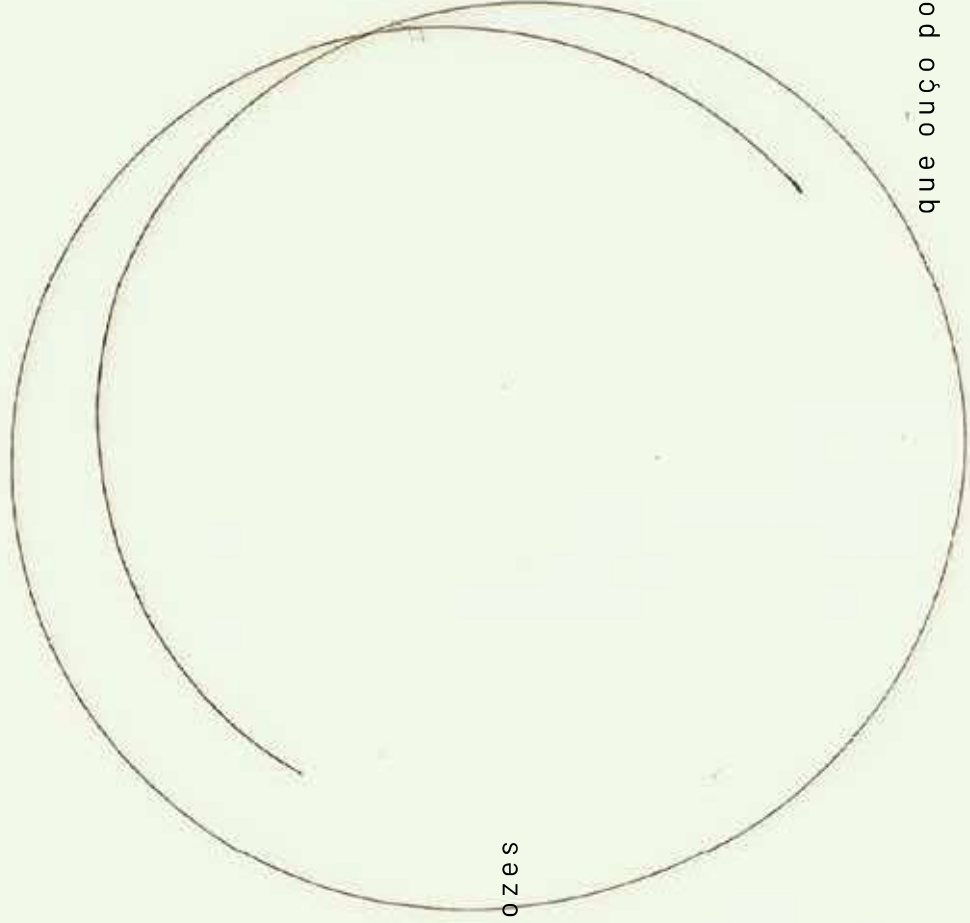
15 de março de 2018. 14:25.

Corpo em suspensão. Entre tristeza, assombro e uma certa náusea ansiosa, salto de um lugar ao outro, atordoada. Os fatos me afetam. Paradoxalmente perco e acho o sentido da escrita-obra. No dia anterior, professores são impedidos violentamente de manifestarem seus direitos trabalhistas em São Paulo. Na mesma noite, a quinta vereadora mais votada do Rio de Janeiro, Marielle Franco, é assassinada com quatro tiros no centro da capital carioca. Ativista, mulher, mãe, bissexual, negra e tantas outras coisas, ela defendia os direitos dos que não tinham voz. Marielle havia denunciado as recentes intervenções militares nas comunidades. Era uma figura contundente, tinha olhar e ação direta e se construía numa direção de importante liderança. Uma morte cruel e sob encomenda é que se pensa a respeito do caso. Trata-se de um recado bem dado a todos que se lançam em fazer algo que vai na contramão de um sistema viciado de um fazer político. À estrutura vigente, não interessava que a vereadora continuasse na sua articulação política.

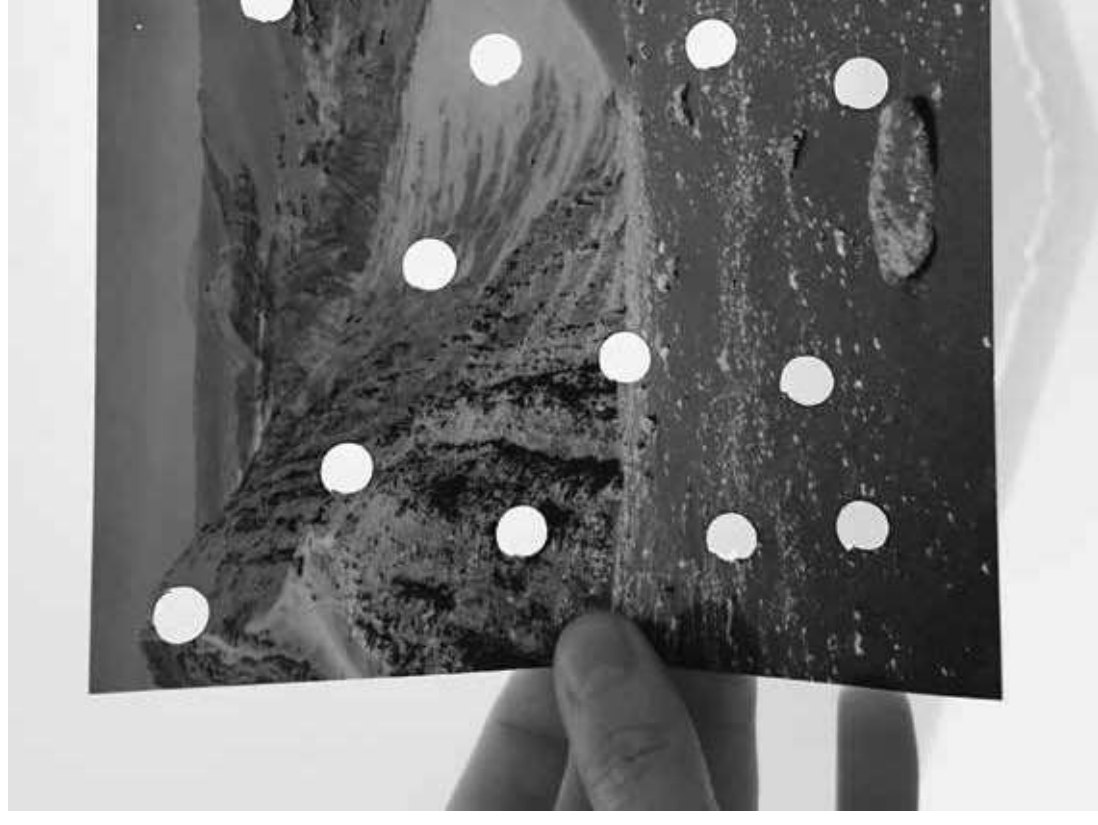
Se ao longo dos dois últimos anos, o processo incorporou de maneira orgânica os percursos dos acontecimentos que se faziam, também o corpo da escrita se fez dessa forma.



meu próprio corpo como escuta sensível das vozes



que ouço por onde passo



Se olho para os desfazimentos dos três territórios escolhidos, também escuto a vida que se faz ao redor e sinto-me diretamente atingida enquanto escrevo.

Além do apartamento empoeirado, das cidades soterradas e do deserto cheio, muito parece ruir no vasto entorno onde me encontro.

A REVELAÇÃO DE ALGO SE DÁ EM SILÊNCIO?

I I
O U

São várias as vozes que se articulam na tentativa de dar conta de algum entendimento do que possa estar acontecendo nesse momento contemporâneo. De fato, o país e o mundo parecem estar diante de situações fronteiriças, atuando nos limites de seu funcionamento social, político, ambiental, educacional, enfim, tudo que está implicado no viver coletivo.

Se são tantas as avalanches, como se colocar no mundo, como estar presente?

Se é impossível prever o que está por vir, nos resta manter a lucidez diante de tantos acontecimentos.

QUANTAS SÃO AS CRISES?

De quais crises e desmanches estamos nos re-
Como saber a medida de se colocar em sil-
estridente? Que revolução traria o silêncio?

Se são tantas as avalanches, como se colocar

Se é impossível prever o que está por vir, nos
acontecimentos.

LUCIDEZ

há como se manter lúcido?

há algo a ser revelado diante de tanto

há como respirar diante disso?





lucidez

ê/

substantivo feminino

1. qualidade ou estado de
2. luminância emitida por
3. o que permite a passag
4. fig. capacidade de inteligência, consciência. razão.“costumes”

5. fig. clareza de ideias e relevante; perspicácia, precisão. controvérsia”

6. psiq clareza dos sentidos

7. psiq intervalo de sanida insânia.

Origem

ETIM *lúcido* + -ez [1]

Parece não haver saída para o desequilíbrio que Há algo que permanece? Há algo que se estabe

Onde estão as poeiras?
O que cobrem as poeiras?
O que encobrem?

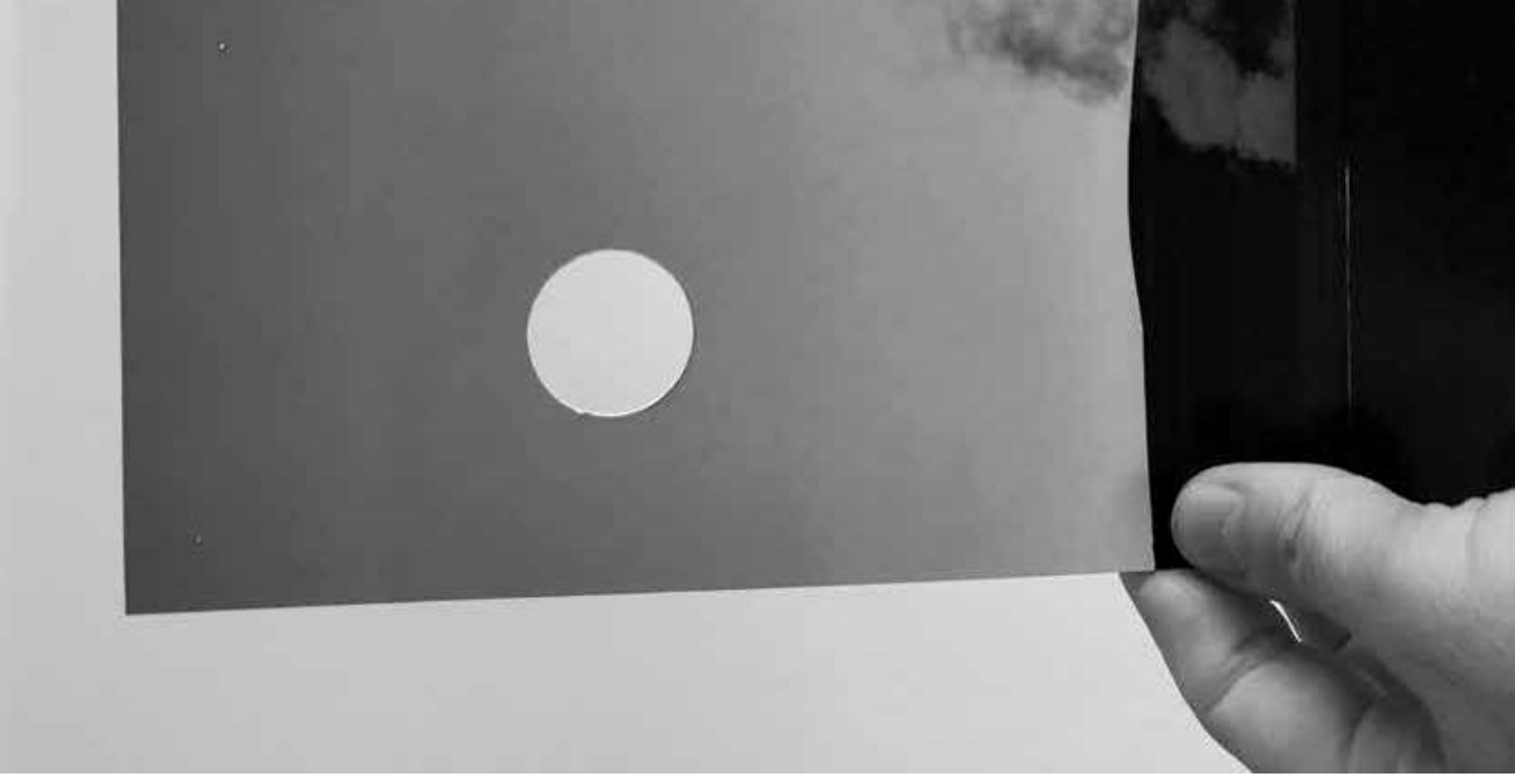
SILÊNCIO

SILÊNCIO, SILÊNCIO

É nesse lugar do silêncio que descobrimos.

Nesse espaço aquietado é que nos aproximamos lentamente de um entendimento profundo sobre as aparências das coisas do mundo e suas engrenagens.

Do silêncio vem a lucidez. Estar no (em) silêncio é olhar vagarosa e atentamente as





movimento
do
corp
e

É neste estado aquietado de fala-corpo-mente
É justamente no exercício de sentar-se imóvel
acontece. Dentro desse estado, é possível observar

É possível confiar nesse território onde tudo o

Para saber é preciso estar só.

Um percurso solitário. Na maioria das vezes, u

Escolher ficar no silêncio é decidir pelo desen
detalhe e simultaneamente olhar para o todo q

Olhar até que se

M

A







Quando uma sociedade se levanta, num movimento intempestivo, que não equivale à cega espontaneidade, mas a uma certa lucidez extrema, que pode cegar por fazer ver pelo excesso o que antes ninguém ousava enxergar ou enunciar, quando isso que parecia impossível aparece de pronto como desejável, é outro plano que se oferece à vista de todos.

Peter Pal Pelbart [2]

O que nos moveria para uma transformação / revolução??

o repouso
o repouso



Da mesma maneira que nossa vida psíquica aparece nas brechas mais ordinárias da existência, também os desejos coletivos podem ser lidos através das fissuras da vida social, quando havia ali algo recatado, silenciado.

O que fariam as entranhas de um apartamento? O que uma avalanche de lama que destrói cidades mobilizaria nas pessoas que lá habitavam? O que nos diz o deserto?

Para entender genuína e profundamente os desejos manifestos durante os levantes, algo da ordem de uma real disposição de transformação precisa se dar para que o sujeito se coloque nesse espaço de análise profunda. É realmente preciso estar disposto a olhar por todos os lados, dar a volta e acolher o processo.

É necessário preparar um corpo todo de olhar.

Que repouso é esse?

Paradoxalmente _____ o repouso é ativo

Há uma radicalidade nesse gesto. Radical pelo do corpo. O corpo funcional, que atua e age ir pronto, rígido e que responde aos chamados, o movimentos.

O CORPO VIGIADO. AN



Em certa medida entendemos e somos familiarizados com o corpo que anda, corre, sente fome, prazer, dor, se aflige frente a tantas vivências, embates e encontros, mas também e frequentemente nos afastamos desse mesmo corpo, desconhecendo seu lugar de potência.

Desconectamos o corpo cada vez mais. A quem ele pertence?

Se colocar em repouso para ouvir o silêncio requer a bravura de se contrapor ao corpo domesticado.

rigoroso e TEMEROSO,
o corpo contemporâneo obedece.

Repousar o corpo em estado de atenção deixa sentido: no sentido da liberdade, não somente de outras direções.

O gesto é também radical pois requer a bravura de um corpo em posição de transformação.

Um corpo que traz em si mesmo a autonomia fundamentalmente um gesto político:

ir genuinamente ao encontro
para ir em direção a transformação

colocar o corpo em repouso
corpo,

porém incongruente

é dar a ele uma ordem, é
postura

:

o sentar ereto, orgânico, de



Esse corpo que está imóvel, esse corpo que não produz seguindo normas e leis, que permanece estabilizado frente as demandas de um corpo fabricado para ser produtivo.

UM CORPO QUE SOMENTE RESPIRA E CONTEMPLA

um corpo que não se abala. um corpo presente. PRESENTE

PRESENTE

a contemplação

Para saber é preciso tomar posição
situar-se pelo menos duas vezes, em p
comporta, pois toda posição é, fata
de afrontar algo; diante disso, todavi
aquilo de que nos afastamos...

Não se sabe nada na imersão pura, r
Para saber é preciso tomar posição, c
assumir a responsabilidade de tal mo



Como estar diante de algo e saber o que de fato ocorre ali? De que maneira olhar para o acontecimento? Como se aproximar, para então, se posicionar diante da coisa?

É possível olhar sob distintas perspectivas estando do lado de dentro?

de que dentro se fala?

Dar a volta,
contornar,
dar o tempo

e principalmente tomar a distância necessária para melhor observar,

o que se escolhe analisar dentro de uma dada circunstância?

E o que fica de fora?

Entender o mundo a partir da perspectiva de que tudo não passa de construções
(individuais e coletivas)

nos lança de saída para um lugar de liberdade sob todos os fenômenos.

as coisas existem e simultaneamente não existem.

Somos nós que criamos uma ideia sobre cada coisa e fenômeno.

Entender isso

é entender que tudo é de fato essencialmente livre.



Partindo dessa premissa, resta desconfiar
presos e fixados. Em nossas histórias partici
ações, andando aos tropeços ou então nos infi

Diante de tantas ruínas ao redor, com que voz

Com que olhar iremos na direção dos lugares
dos existenciais? Quais são as percepções c
visão?

É possível olhar com qualidade para o mundo a
si no mundo?

Como ir de encontro a esse saber?

É preciso desejar esse olho profundo.

É preciso a coragem do gesto de olhar,
o olhar criterioso que vai no sentido de desfazer

Desconstruir até fazer sentido, até clarear, até
Ir genuinamente ao coração é ir à liberdade.
De ser, pensar e agir.

Estar em liberdade de si para ir ao mundo, em

com que voz iremos

Quando olhamos para o saber de si, é um olho p
mesmo, o sujeito só, egoico e auto centrado, n
de si. O si que se lança no escuro atrás das pr
movimento de se afastar para afinar o próprio f
si e dali de dentro silencia, a fim de apurar a in
Ao contrário do que parece, não é para entrar



ser expelido
ser expelido para então
ir para o mundo.



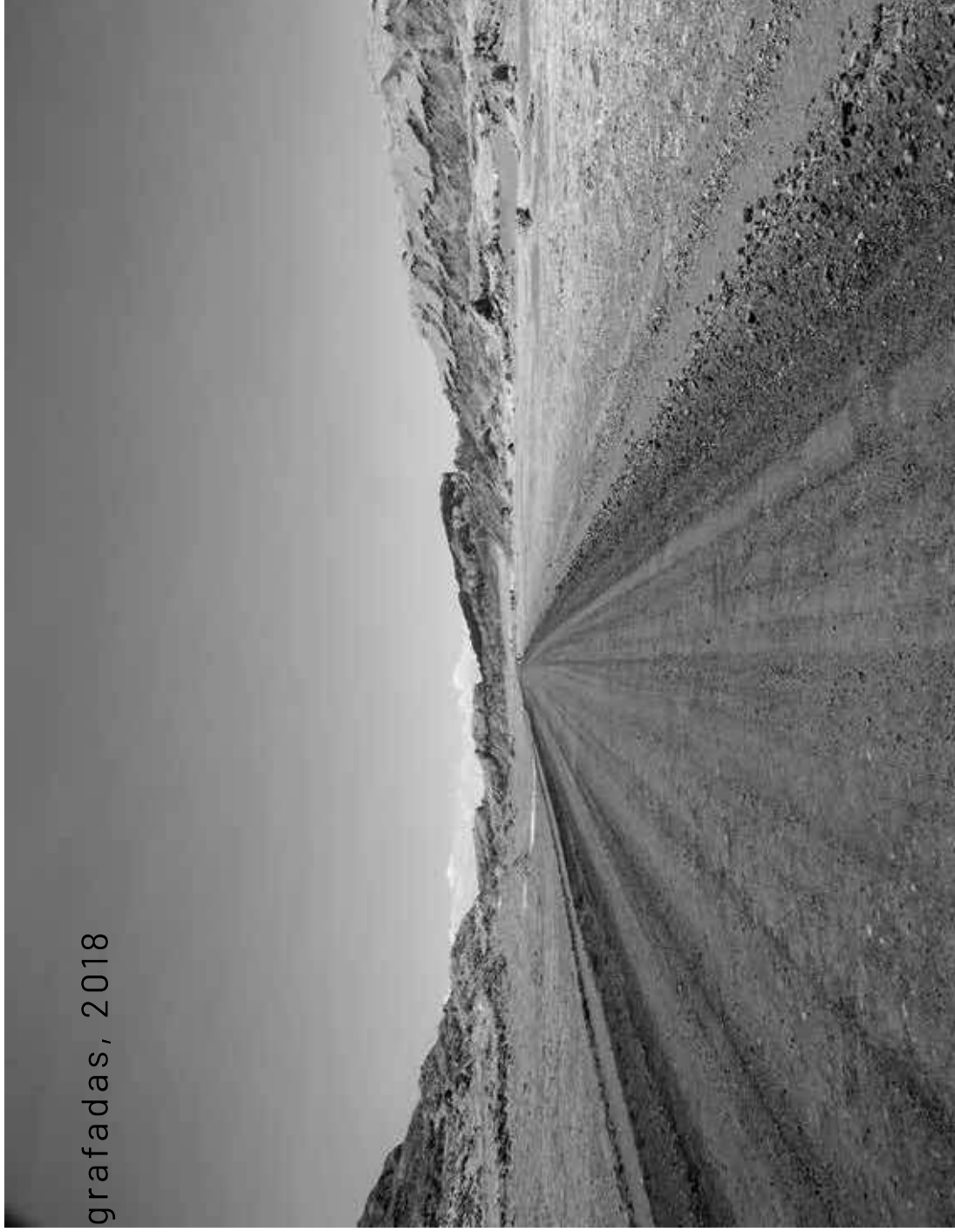
REVELAÇÃO ——— REVO

É possível ver a eclosão da transformação?

Talvez a revolução aconteça sem que as pessoas percebam
e silenciosamente.

o silêncio leva ao lugar de lucidez

projeto prédio [um futuro]
navegações grafadas, 2018



Foi habitando silenciosamente a apartamento que surgiu a faísca. Percorrendo os lugares ainda vazios do terreno do prédio, os apartamentos vagos e a loja desocupada no térreo, me dei conta que tínhamos um lugar disponível para realizar algum projeto.

O que seria possível ali? Haveria naquele espaço um real território capaz de abrigar desejos e sonhos coletivos capazes de propor um novo habitat? Seria isso arte? Um tipo de museu? Como e porque ocupar esse espaço?

Redirecionar o foco da crítica política e do desmantelamento social para propor uma prática?

Da poeira no piso do apartamento ao projeto de um espaço vivo e expandido em múltiplas ações. Desejo de futuros.

...Em torno a uma mesa quadra

Por as cartas na mesa (não proo
Por na mesa (expor sem dissim
Papeis ou papel na mesa (prova

A sua mesa A minha mesa (de j

Botar uma mesa. Por uma mes

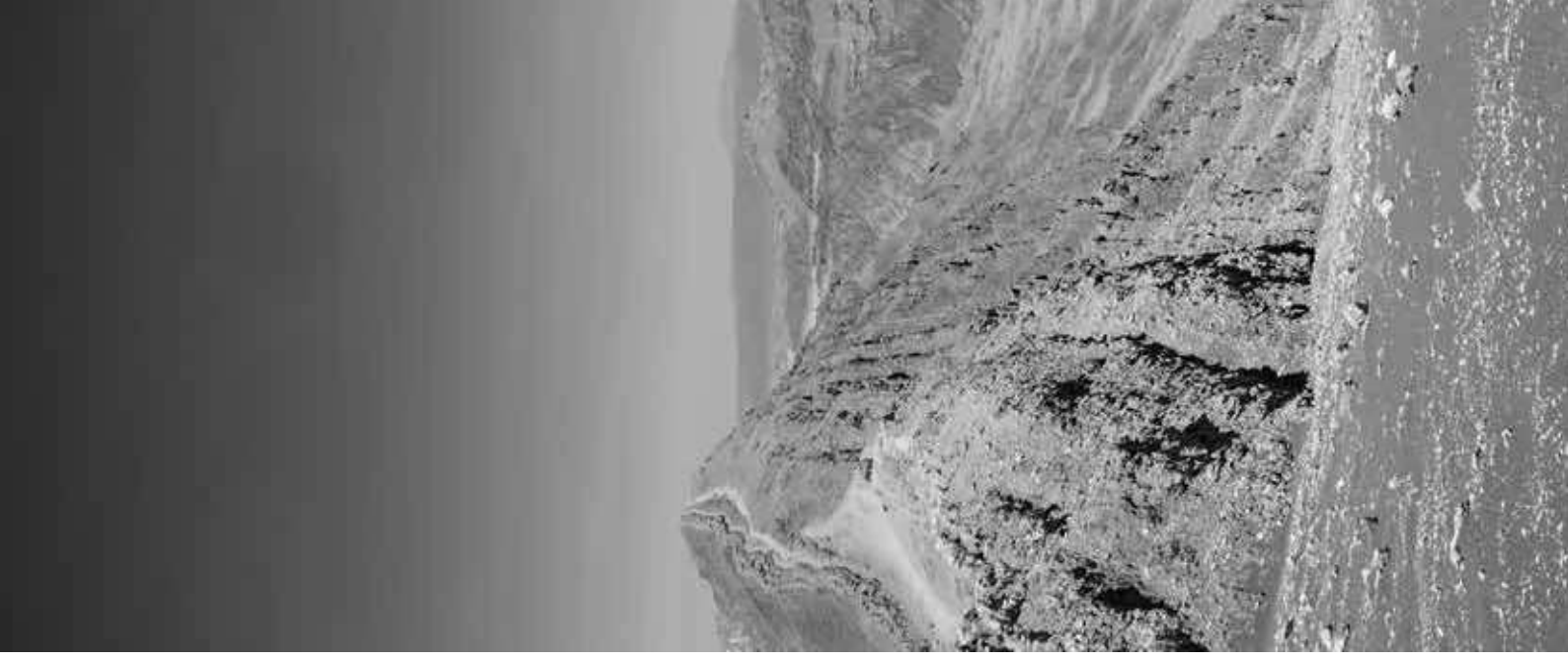
Sentemo-nos a mesa. Sentar-s

Francis Ponge [4]

A iluminação basicamente não é uma árvore
O espelho brilhante não tem moldura
Desde o princípio, nem uma única coisa existe
Onde poderia o pó acumular?

Daikan Eno [5]

que a gente consiga seguir a direção do vento...























REFERÊNCIAS + GLOS

- [1] lucidez - primeira definição encontrada na
- [2] PELBART, Peter Pal. Artigo "Por que um gato é um Peixe Elétrico em 06/02/2018
- [3] HUBERMAN, Georges Didi. *Quando as Imagens Falam*. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2017
- [4] PONGE, Francis. *A Mesa*. São Paulo. Editora
- [5] KLEE, Paul. *Teoria del Arte Moderno*, Buenos Aires
- [6] ENO, Daikan. (China 638-713) Foi um monje budista que trouxe a iluminação súbita. Foi reconhecido por seu trabalho no cozinheiro do templo.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS DA ARTE
ESTUDOS DOS PROCESSOS ARTÍSTICOS

ORIENTADOR:
LUIZ GUILHERME VERGARA

BANCA:
LUCIANO VINHOSA
MARISA FLÓRIDO CESAR

Estes livros foram produzidos
com a colaboração gráfica de
Lu Rabello [Vinco estúdio]

